

COLEÇÃO
PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO
[MEMÓRIAS BRASILEIRAS - BIOGRAFIAS]



AMILCAR ARAUJO PEREIRA

PAULO SILVA

UM CONTRAPONTO NAS
RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL



Universidade Federal Fluminense

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Fabio Barboza Passos

Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense

GESTÃO 2018-2020

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marco Otávio Bezerra

Ronaldo Gismondi

Silvia Patuzzi

Vágner Camilo Alves

PAULO SILVA

Copyright © 2021 Amilcar Araujo Pereira

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Editor responsável: Renato Franco

Coordenador de produção: Ricardo Borges

Copidesque e revisão: Icleia Freixinho

Normalização: Camilla Almeida

Projeto gráfico: Marcio Oliveira

Capa e diagramação: Thomás Cavalcanti

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO - CIP

A663 Pereira, Amilcar Araújo.

Paulo Silva : um contraponto nas relações raciais no Brasil [livro eletrônico] / Amilcar Araújo Pereira. – Niterói : Eduff, 2021. – 2,7 Mb; PDF. – (Coleção Personagens do pós-abolição : trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 4)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-014-3

BISAC BIO002010 BIOGRAPHY & AUTOBIOGRAPHY / Cultural, Ethnic & Regional / African American & Black

1. Brasil – Pós-abolição. 2. Cultura Afro-brasileira. 3. Silva, Paulo, 1892-1967. 4. Biografia. I. Título. II. Série.

CDD 927.8

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR FÁTIMA CARVALHO CORRÊA (CRB 3.961)

Direitos desta edição reservados à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-008 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2021.

Foi feito o depósito legal.

COLEÇÃO
PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO

MEMÓRIAS BRASILEIRAS - BIOGRAFIAS

AMILCAR ARAUJO PEREIRA

PAULO SILVA

UM CONTRAPONTO NAS
RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:

“ERA SÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO BRILHA”? | 13

A MÚSICA DA VIDA DE PAULO SILVA | 23

ASPECTOS DO PENSAMENTO DE

PAULO SILVA EM RELAÇÃO À IDEIA DE RAÇA | 57

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

PAULO SILVA, RELAÇÕES RACIAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA | 87

REFERÊNCIAS | 99

FONTES | 105

CRONOLOGIA DE PAULO SILVA | 107

LISTA DE FIGURAS | 109

A COLEÇÃO PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO

Este livro faz parte de uma coleção, sendo fruto de um projeto coletivo: “Personagens do pós-Abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano”, contemplado com o Edital n° 13/2015 da CAPES - “Memórias Brasileiras: Biografias”. Os sete volumes da coleção são acompanhados por um site que disponibiliza diversos materiais - oficinas, vídeos, planos de aula, banco de imagem, em torno de personagens negros biografados (<http://personagensdoposabolicao.uff.br/>).

Apesar de grandes contribuições para a história republicana do Brasil, esses personagens tiveram suas vidas silenciadas, esquecidas ou não reconhecidas. Foram homens e mulheres marcados pela condição racial e de gênero que levantaram bandeiras antirracistas e atuaram na transformação das possibilidades de exercício da cidadania da população negra no Brasil.

As biografias publicadas também trazem uma contribuição importante para o público em geral, para futuros professores e para os alunos da Educação Básica, pois nos permitem conhecer melhor a História do pós-abolição e do racismo no Brasil e, em volume especial, entrar em contato com novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano. Eis os livros da coleção:

*Monteiro Lopes e Eduardo das Neves:
histórias não contadas da Primeira República (v. 1)*

Carolina Viana Dantas e Martha Abreu

*Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira:
história de mulheres negras no pós-abolição do sul do Brasil (v. 2)*

Fernanda Oliveira

Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira (v. 3)

Ynaê Lopes dos Santos

Paulo Silva: um contraponto nas relações raciais no Brasil (v. 4)

Amilcar Araújo Pereira

*Maria de Lourdes Vale Nascimento:
uma intelectual negra do pós-abolição (v. 5)*

Giovana Xavier

João Cândido: o mestre sala dos mares (v. 6)

Álvaro Pereira do Nascimento

*"A gente só sabe o final quando encerra":
novas formas de ensinar e aprender histórias do Brasil republicano (v. 7)*

Giovana Xavier (org.)

CARTA A PAULO SILVA

Bom dia, Paulo! Ou melhor, devo dizer, bom dia, prezado maestro e professor Paulo Silva! Fico na dúvida..., pois até o Tom Jobim nos contou que a formalidade e a seriedade eram características suas, muito marcantes. Deve lembrar que ele foi seu aluno, o Tom Jobim, assim como muitos outros grandes nomes da música brasileira. O Sérgio Cabral, o jornalista, nos contou que até o Pixinguinha, nosso “Mozart brasileiro” da música popular, queria muito ter aulas com você no Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ! Afinal, você era “o cara” naquela escola, professor emérito! Devia tirar muita onda por lá, né não?

Agora, imagino que não deva ter sido fácil sua trajetória de lutas... nascido preto e pobre em 1º de janeiro de 1892, menos de quatro anos depois da Abolição da escravatura, saindo da Escola 15 de Novembro, aquele “internato” para meninos

pobres, “quase todos pretos”, que depois ficaria conhecida como “Funabem”, até tornar-se o grande maestro e professor da UFRJ, “o maior contrapontista da América do Sul”, como diziam os jornais da sua época! Li seu texto intitulado “Resposta a um racista”, fiquei muito tocado pela forma elegante como você discutia o tema, com inteligência e argumentação, usando sua experiência e as leituras que fez sobre o racismo no mundo. Era mesmo um tremendo “*scholar*”! Negão intelectual e poderoso “sambando na cara da sociedade”, compondo e tocando música erudita. Devo confessar que sou seu fã, Paulo! Olha, nasci em 31 de dezembro, temos o mesmo signo do zodíaco... Essa é só uma brincadeira, ok? Sei que, por aqui, você era muito católico e não acreditava nessas coisas de astrologia, mas não resisti. Me identifico muito com você. Como dizem hoje em dia, você “me representa”! Estamos aí, juntos e na luta!

Um abração, com admiração e respeito,

Amilcar

*Para a minha querida professora marcante, Ana Maria Monteiro,
que, com inteligência e elegância, me trouxe para o Ensino de História,
mas antes me levou até a história do Paulo Silva.*

INTRODUÇÃO: “ERA SÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO BRILHA”?¹

Na sala de musica estava um rapaz de côr estudando violoncello.

Ao ver-nos interrompeu-se e veio fallar-nos. O Sr. Franco Vaz apresentou-o.

– Este é o senhor José Paulo Silva, professor da nossa banda. E pedio-lhe para fazer a banda tocar nos exercicios que o batalhão ia fazer. O professor sorrio e delicadamente disse: – Impossivel Sr. director.

– Por que?

– Faltam cinco figuras, que estão doentes.

– Não faz mal. Toca assim mesmo. Nós desculpamos.

– Mas são as principaes, objectou-lhe. Olhe, sem o primeiro piston...

O professor Reis interrompeu: – É só para vermos o batalhão completo.

1 Alguns aspectos da trajetória do Paulo Silva, aprofundados neste livro, foram discutidos inicialmente em minha monografia de graduação em História, intitulada “A mesma história de sempre...”: vida e obra de Paulo Silva” (Graduação em História, UFRJ, 2002); em minha dissertação de mestrado, intitulada “Paulo Silva e as relações raciais no Brasil: uma experiência sobre as identidades construídas no espaço escolar” (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UERJ, 2006); e no seguinte artigo: PEREIRA, Amílcar A. “Era só mais um Silva que a estrela não brilha”? Paulo Silva e as relações raciais no Brasil. In: D’ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira de (orgs.). *Afro-Brasil: debates e pensamentos*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2015, v. 1, p. 236-264.

– Oh! mas vae ferir os ouvidos... – De qualquer maneira serve.

E o professor José Paulo Silva juntou, sorrindo, ao que lhe dizia o Sr. Franco Vaz. – Sim, mas eu não gosto que ouçam a banda tocar mal, porque por ahi sabem que sou eu o mestre e... desmoralizam-me.

Não podemos deixar de rir do justo zelo do musico. E não cedemos. Elle então foi providenciar para que a banda tocasse, pedindo sempre muitas desculpas pelo insucesso que previa.

O Sr. Franco Vaz explicou ser aquelle um dos alumnos recolhidos pela policia á escola e que, pela sua intelligencia e pela sua conducta, tinha adquirido aquelle logar de professor da banda, pelo que é remunerado.²

A reportagem acima, publicada em outubro de 1910 no jornal *A Noticia*, com o título “A nossa visita á Escola 15 de Novembro”, foi a primeira das 303 reportagens publicadas em jornais e encontradas na pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, nas quais foram encontradas menções ao músico, maestro e professor Paulo Silva, até 1969, dois anos após a sua morte, na cidade do Rio de Janeiro.³ Até aqui, já podemos supor que Paulo Silva foi uma pessoa que, no mínimo, apareceu muitas vezes nos jornais da sua época. Muitas

2 A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 28 out. 1910.

3 Agradeço a Odara Dias, bolsista PIBIC/CNPq, aluna do curso de História na UFRJ, que realizou a maior parte da pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

das reportagens encontradas falavam sobre sua produção e suas conquistas, os livros que publicou, os alunos famosos que orientou e formou no Instituto Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ), as homenagens que recebeu em vida (e foram muitas as homenagens!); mas também foram encontradas várias reportagens contando sobre as dificuldades e barreiras que Paulo Silva teve que superar ao longo de sua carreira, ao fim e ao cabo, tão bem-sucedida. Algumas matérias em jornais falavam sobre casos de racismo, narrados de diferentes formas naquela época.

Pelo trecho da reportagem citada acima, conseguimos saber também um pouco da origem humilde de Paulo Silva, já que, segundo a reportagem do jornal *A Notícia*, ele teria sido levado pela polícia para a Escola 15 de Novembro, um internato profissionalizante para meninos pobres e “desvalidos”, que ficaria muito conhecido a partir dos anos 1960 como a Funabem, Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor. Como, de fato, Paulo Silva teria se tornado aluno interno de uma escola do poder pública para menores carentes? Sabemos que ele foi aluno da primeira turma dessa escola, inaugurada em 1899. Temos conhecimento também de que ele fez lá o curso primário, aprendeu uma profissão (vassoureiro e sapateiro) e a tocar instrumentos musicais além de ter sido nomeado mestre-aluno da banda e depois professor, onde ensinou música durante 29 anos, desde

seus 17 anos de idade. Sua presença na Escola 15 de Novembro foi muito marcante. Ao ponto de diversas reportagens em diferentes jornais, nos anos 1940 e 1950, falarem sobre as várias homenagens feitas por ex-alunos e colegas professores da Escola 15 de Novembro para o Paulo Silva. Podemos perceber ainda na reportagem que abre este livro uma característica marcante na personalidade de Paulo Silva, lembrada por muitas pessoas que conviveram com ele: era uma pessoa inteligente e extremamente rigorosa com seu trabalho, mesmo sendo ainda um jovem de apenas 18 anos de idade, quando foi escrita a reportagem acima.

Você, provavelmente, nunca ouviu falar sobre nosso Paulo Silva antes de ler este livro. Mas a frase que escolhi como título para esta introdução, “Era só mais um Silva que a estrela não brilha...”, é possível que você já tenha escutado. Ela foi muito cantada pelo Brasil afora em 1995 e continua na memória de muita gente, graças ao sucesso do *Rap do Silva*, composto e gravado no Rio de Janeiro naquele ano pelo MC Bob Rum. Preciso dizer que Paulo Silva, cuja trajetória e pensamento serão apresentados aqui, não era *funkeiro* mas, como o *Silva* da canção, também era pai de família. Aliás, era pai de seis filhos! Há certamente muitas outras semelhanças entre o Paulo Silva e o *Silva* da referida canção – que tragicamente, no verso final da música, é assassinado ao chegar num baile *funk*. Levando em considera-

ção a realidade social brasileira, possivelmente o *Silva* da canção era um homem negro como o Paulo Silva aqui apresentado, de origem humilde, descendente de pessoas de origem africana que foram aqui escravizadas. Entretanto, a música composta, tocada e ensinada com maestria pelo nosso Paulo Silva era outra, bem diferente do *funk* carioca ou da chamada “música negra”. Paulo Silva foi um brilhante, famoso e muito respeitado músico erudito. Sua especialidade musical era o Contraponto e Fuga,⁴ uma das mais difíceis e complexas, a mesma de um dos mais famosos músicos de todos os tempos, o alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750). Paulo Silva foi professor emérito da atual Escola de Música da UFRJ, o que significa que, após sua aposentadoria, ele recebeu o maior reconhecimento possível da Universidade, graças à relevância de sua produção e à importância de sua atuação, tanto para a UFRJ quanto para a cultura brasileira. Também preciso dizer que sua “estrela brilhou” muito durante muitos anos, tanto no Brasil quanto no exterior.

Se antes de chegar até aqui você nunca tinha ouvido falar no nosso Paulo Silva, não se preocupe. Pouca gente conhece a história ou tem alguma memória sobre esse importante perso-

4 O contraponto, na música, é uma técnica usada na composição em que duas ou mais vozes melódicas são compostas levando-se em conta, simultaneamente: o perfil melódico de cada uma delas, e a qualidade intervalar e harmônica gerada pela sobreposição das duas ou mais melodias. Fuga, em música, é um estilo de composição contrapontista, polifônica e imitativa de um tema principal, com sua origem na música barroca. Na composição musical o tema é repetido por outras vozes que entram sucessivamente e continuam de maneira entrelaçada. Ver: FUGA. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuga>. Acesso em: 09 jan. 2020.

nagem da história da música no Brasil. Infelizmente são poucos os personagens históricos negros cujas memórias são celebradas, ou pelo menos apresentadas nas escolas ou na sociedade brasileira, de forma geral. Não podemos perder de vista o fato de que o racismo é um elemento estruturante de nossa sociedade e, consequentemente, de nossas desigualdades. E a desigualdade racial no Brasil ainda é uma das maiores do mundo.⁵ Ela se reflete nos currículos das escolas, que em pleno século XXI, continuam “eurocêtricos”, ou seja, focados simplesmente nas histórias, nas memórias e nas experiências das pessoas e culturas de origem europeia, mesmo quando a maioria da população brasileira é negra.⁶ Esse currículo “eurocêntrico” se reflete, portanto, nas escolhas feitas sobre quais personagens ou histórias terão ou não maior visibilidade no trabalho educacional. Mesmo que você não seja fã de música erudita, imagino que você conheça um pouco, ou ao menos tenha ouvido falar sobre o maestro Villa-Lobos (1887-1959), por exemplo. Ele e Paulo Silva foram amigos e admiradores um do trabalho do outro. Falaremos mais sobre isso adiante. De certa forma, foi a fama do Villa-Lobos que me fez chegar à

5 Ver, entre muitas outras matérias: LIMA, M. Desigualdades raciais no Brasil e suas múltiplas dimensões. 01 mai. 2016. *Portal Geledés*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/desigualdades-raciais-no-brasil-e-suas-multiplas-dimensoes/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

6 Ver o Censo Populacional de 2010 e as PNADs na década de 2010: IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. *Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica*, Rio de Janeiro, n. 41, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=sobre>. Acesso em: 09 jan. 2020.

história do nosso Paulo Silva. Explico melhor: no ano de 2001 eu fazia o curso de licenciatura em História, mais especificamente a disciplina de Prática de Ensino de História na UFRJ, e minha professora na época, a querida Ana Maria Monteiro, passou um trabalho, para o qual eu teria que escrever um relatório de visitas a uma escola pública, fazendo análises sobre as aulas de História, relatando aspectos da escola, tais como a aparência, o espaço físico, a estrutura etc. Pensei então em realizar um encontro com meu passado, fazendo a visita à minha antiga escola dos tempos de “ginásio”, a Escola Municipal Prof. Paulo Silva, no bairro de Inhoaíba, mais precisamente na comunidade do Benjamin, localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, a cerca de 64 quilômetros de distância do Centro da cidade. Eu tinha uma memória afetiva muito positiva em relação àquela escola. Estudei lá, dentro da minha comunidade, naquela escola pública, da quinta à oitava série e adorava o fato de que a escola ficava a cerca de 200 metros da minha casa. Eu entrava na aula às sete horas da manhã e podia acordar meia hora antes! Meus amigos e amigas da comunidade estudavam na mesma escola. Hoje eu sei que éramos todos pobres e que vivíamos em uma situação muito difícil e, em vários sentidos, realmente precária, mas naquela época eu adorava a Escola Municipal Prof. Paulo Silva.

Ao preparar o relatório para o trabalho da disciplina na UFRJ, achei interessante fazer também um breve histórico da escola, a começar pelo nome: por que o nome da escola era Professor Paulo Silva? Eu tinha estudado lá durante quatro anos e não tinha a mínima ideia. Aliás, ninguém sabia a razão da escolha desse nome para a escola, nem a diretora, nem os professores, ninguém. Aí entra o Villa-Lobos na minha história. Durante a faculdade, enquanto eu estudava História na UFRJ, também fiz concurso e me tornei aluno do curso de violão na Escola de Música Villa-Lobos, uma escola pública no Centro do Rio de Janeiro. Graças a essa formação musical, durante alguns anos atuei como músico, toquei em bares, tive banda, compus trilhas sonoras e atuei em espetáculos de teatro. Para poder trabalhar como “músico em cena” num espetáculo de teatro na cidade de São Paulo, no ano de 2000, precisei fazer a prova para me registrar e obter a carteirinha da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB). Essa era uma exigência do Centro Cultural São Paulo, onde o espetáculo entraria em cartaz. Quando estava escrevendo o relatório em 2001, lembrei que, após fazer a prova da OMB, logo na saída da sala da prova, observei na parede um quadro de homenagem “ao grande maestro Paulo Silva”, um homem negro, com uma postura altiva, bem ao lado de outro quadro em homenagem ao famoso maestro Villa-Lobos. Seria o mesmo

Paulo Silva que dava nome à escola municipal? Como eu sabia que o Villa-Lobos era muito importante para a música brasileira e tinha uma escola com seu nome, onde eu também havia estudado, fiquei com aquela imagem na cabeça, daquele homem negro, maestro como o Villa-Lobos e que, ao menos na OMB, parecia ser tão respeitado quanto ele. Fui então à biblioteca da Escola de Música Villa-Lobos e encontrei na *Enciclopédia Brasileira de Música* um verbete sobre Paulo Silva, afirmando que ele teria sido, em vida, muito respeitado no cenário musical brasileiro e até no exterior. Depois, na pesquisa para o que se tornou minha monografia de graduação em História, sobre a vida e obra de Paulo Silva, defendida em 2002 na UFRJ, encontrei até mesmo o Projeto de Lei nº 877/81, com as justificativas do vereador Gelson Ortiz Sampaio falando sobre a “dedicação invulgar, a competência deste grande mestre no ensino de música em nosso país”, e a publicação do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, de 26 de outubro de 1982, com a Lei nº 364 de 21 de outubro de 1982 autorizando o “Poder Executivo a dar o nome de Professor Paulo Silva a um estabelecimento de ensino no Município do Rio de Janeiro.”

Nome de uma escola pública, homenageado pela Ordem dos Músicos do Brasil, descobri, depois, que Paulo Silva também dava nome a duas ruas, uma na Ilha do Governador, na

cidade do Rio de Janeiro, e outra na cidade de Nova Friburgo... Que motivos levariam esse homem, tão respeitado e admirado em sua época, ao esquecimento na sociedade brasileira? Por que nem mesmo a direção e os professores da Escola Municipal Prof. Paulo Silva e, provavelmente, as pessoas que passam cotidianamente na Rua Maestro Paulo Silva nada sabiam a respeito do nosso personagem histórico?⁷

Além de apresentar e construir memória sobre esse importante personagem negro da História do Brasil no pós-Abolição, o objetivo aqui é propor algumas reflexões sobre a própria sociedade brasileira, especialmente no que diz respeito à questão racial, a partir das análises sobre a trajetória e o pensamento do maestro e professor Paulo Silva, um dos maiores músicos “eruditos” da nossa História que, mesmo tendo obtido muito sucesso em sua carreira profissional, como muitos e muitos outros *Silvas* brasileiros, teve que lidar com o racismo ao longo de sua vida e com os reflexos da questão racial em nosso país, mesmo após sua morte.

7 Vale ressaltar que a Escola Municipal Prof. Paulo Silva é localizada no centro de uma comunidade popular e, mesmo tendo sido entregue à comunidade no ano de 1986, até a realização de minha pesquisa de mestrado, entre 2005 e 2006, a escola não havia sido inaugurada oficialmente pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

A MÚSICA DA VIDA DE PAULO SILVA

Paulo Silva é o pai espiritual da quase totalidade dos músicos cariocas, que guiou com suma sabedoria nos difíceis meandros da harmonia, do contraponto, da fuga e da própria composição. Quem não estudou com ele, fê-lo usando seus tratados tão claros e admiráveis.⁸

Este ilustre mestre, considerado um dos maiores contrapontistas da América do Sul, goza de grande prestígio e autoridade nos meios artísticos, pelo muito que tem feito pela música brasileira e pela elevação do nível cultural do país.⁹

José Paulo da Silva, conhecido somente como Paulo Silva, nasceu no primeiro dia do ano de 1892 em Santa Rosa, município de Pirai, no interior do estado do Rio de Janeiro.¹⁰ Sua

8 JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 11 nov. 1953.

9 Idem. 16 jan. 1955.

10 As fontes que permitiram a reconstrução com veracidade de aspectos da história de Paulo Silva foram encontradas, em sua maioria, na seção de música – arquivo sonoro – da Biblioteca Nacional, e também no arquivo dos ex-professores existente na Biblioteca da Escola de Música da UFRJ, além de recortes de jornais da época (da imprensa em geral).

família, como a maioria das famílias negras brasileiras no pós-Abolição, era muito pobre. Seu pai, José Pacau da Silva, faleceu quando Paulo Silva tinha apenas seis meses de vida. Sua mãe, Rosa Maria da Conceição Silva teve então que cuidar de todos os cinco filhos, sozinha. Muito religiosa, dona Rosa frequentava assiduamente e levava Paulo Silva, seu filho caçula, às missas na Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, já na cidade do Rio de Janeiro, a capital, onde fora buscar uma vida melhor, trabalhando como empregada doméstica, em função das dificuldades que vivenciava no interior do estado. Embora, no trecho da reportagem citada no início da Introdução deste livro, exista a informação de que Paulo Silva teria sido levado pela polícia para a Escola 15 de Novembro, em carta autobiográfica escrita em 1949, Paulo Silva afirma que se matriculou nessa escola. Já Dulce Lamas, ex-aluna e amiga muito próxima de Paulo Silva, uma das responsáveis pela criação da Sociedade Amigos do Professor Paulo Silva, após sua morte em 1967, afirma em um pequeno texto biográfico que a mãe de Paulo Silva teria conseguido a promessa do vigário da paróquia que ela frequentava de que colocaria “o menino no instituto de meninos desvalidos que o Cônego Amador Bueno de Barros estava pretendendo fundar.” O fato é que Paulo Silva, com apenas sete anos de idade, fez parte da primeira turma de educandos

da escola que acabara de ser inaugurada em 1899. Se levarmos em consideração o difícil acesso de crianças negras e pobres à educação formal no final do século XIX, a oportunidade de realizar seus primeiros estudos numa escola pública a partir de tão tenra idade pode ser vista como algo positivo no início da trajetória de nosso personagem.



Figura 1 – Foto assinada e entregue a Dulce Lamas, ex-aluna
Fonte: Autor desconhecido / Acervo da Sociedade Amigos do Prof. Paulo Silva,
encontrado na seção de música da Biblioteca Nacional

Aluno interno na Escola 15 de Novembro, desde o dia 3 de dezembro de 1899, lá ele pôde fazer o então curso pri-

mário, aprendendo ainda um ofício: vassoureiro e sapateiro. Teve suas primeiras aulas de música com o professor José Belisário de Sant’Ana, que também lhe ensinou a tocar seu primeiro instrumento, o bombardino. Já nos primeiros anos, seu talento para a música fez com que ele se destacasse na banda do colégio, tendo recebido vários prêmios. Ainda em 1904, foi promovido a “mestre-aluno” e no ano seguinte, através da própria direção da Escola 15 de Novembro, matriculou-se no Instituto Nacional de Música (INM), onde se formou em Trombone. Sendo sempre aprovado com distinção, ainda no INM, fez também o curso completo de Composição (Teoria, Solfejo, Harmonia, Contraponto, Fuga, Composição Instrumental e Orquestração). Com apenas 17 anos de idade, em 13 de março de 1909, foi nomeado professor interino de música na Escola 15 de Novembro e, pouco depois, em 11 de agosto do mesmo ano, tornou-se professor efetivo.

Casou-se, em 1914, com Elisa Bastos da Silva, com quem teve seis filhos. Em 1921, por concurso público, foi nomeado livre docente de Harmonia no Instituto Nacional de Música, que passou a se chamar, em 1937, Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, e atualmente é a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mas em 1925, houve uma reviravolta na vida de Paulo Silva em função de um caso de racismo explícito: livre docente de Harmonia desde

1921 no INM, Paulo Silva deveria ser nomeado professor titular da cadeira de Harmonia, em função do falecimento do ocupante desta em 1925. Além de estar previsto no Regulamento do Instituto, essa também era a praxe na instituição, em casos como este. Entretanto, durante o governo do presidente Arthur Bernardes, o ministro da Justiça e Negócios Interiores, João Luiz Alves, que tinha a prerrogativa de nomear os funcionários das instituições federais, agindo contra a expectativa da ampla maioria dos alunos e professores do Instituto, nomeou outra pessoa para a vaga, uma pessoa que à época ainda era um jovem aluno, Oscar Lourenço Ferreira, “coincidentemente” um homem branco.

Esse episódio marcou profundamente a vida de Paulo Silva e também a história do INM. O caso ficou muito conhecido e repercutiu dentro e fora do Instituto, inclusive em função de uma série de reportagens publicadas entre janeiro e março de 1927 no jornal *A Rua*. As matérias foram escritas pelo professor do Instituto B. Constant, Luiz Candido de Figueiredo, nesse jornal, poucos meses depois da mudança no governo federal, após a chegada de Washington Luís à presidência da República em novembro de 1926. Luiz Candido fazia, em seus textos no jornal, duras críticas à gestão do então diretor do Instituto Nacional de Música, Fertin de Vasconcelos, e ao governo anterior, de Arthur Bernardes. A partir da leitura da reportagem

abaixo, publicada em 17 de janeiro de 1927, podemos entender um pouco melhor esse episódio:

Conhecem todos o caso do preenchimento de uma das cadeiras de Harmonia: por exigência do Regulamento a vaga devia ser preenchida por um professor ou por concurso. Tinha direito incontestável á cadeira, baseado na lei, o livre docente Paulo Silva, laureado da casa, que viu seu direito conculcado escandalosamente pelo Director, que, por ignorância ou perversidade aumentou o rosário de actos indecorosos que vinha praticando. Sem o menor abálo de consciência, divorciado dos mais comesinhos princípios da moral, sem possuir a menor camada de sentimento humano, o Sr. Fertin desfechou o golpe nefando na carreira artística de Paulo Silva e, como um satânico carrasco, festejou com seus bajuladores o feito repugnante que acabara de praticar.

O Sr. Fertin, despudoradamente, correspondendo perfeitamente á época em que foi gerado, acompanhando sua evolução corrosiva e destruidora, descaradamente propôz ao Ministro João Luiz, a “*nomeação do alumno*” Oscar Lourenço, para preencher a cadeira citada, roubando-a do Professor Paulo Silva para entregal-a a um individuo *ainda aprendiz da casa*. As reclamações do prejudicado, fundadas no Regulamento, baseadas na força e clareza da lei que lhe davam direito á posse da cadeira foram pela agua abaixo, attestando a immoralidade na administração que surgia, para a vergonha do professorado digno que existe naquella casa de ensino.

Consumado o esbulho, seus autores dividiram cordialmente e com mutualidade cynica o que devia tocar a cada um pelo que acabaram de praticar: ao Sr. Lourenço coube a cadeira adquirida de mão beijada, tocou ao Sr. Fertin o aumento de mais um na phalange de seu negregado grupo e o ministro obteve um retrato, a óleo por subscrição promovida pelo recém nomeado, que apresou-se a mostrar-lhe que os actos immoraes quando não são praticados occultamente devem ser revestidos de cerimonias externas que os amenize e justifique, como nas eras da inquisição.

Todos sabem a influência que tem junto ao Director o professor “Arnaldo de Gouvêa”, este ao saber da pretensão legal de Paulo Silva, correu ao encontro do Sr. Fertin e disse: “basta de homens de côr dentro do Instituto”.¹¹

A frase final da matéria acima é muito reveladora em relação ao fato de que o racismo poderia definir rumos nas trajetórias de pessoas negras e brancas no Brasil do pós-Abolição, não somente em espaços como o Instituto Nacional de Música. Muito impactado com o caso explícito de racismo, ainda em 1925, Paulo Silva passou a estudar no Colégio Pedro II e, em 1928, entrou para a Escola de Medicina da Universidade do Brasil. Em função de um problema de visão que o impediria de exercer a Medicina e também pelas dificuldades econômi-

11 A RUA. Rio de Janeiro, 17 jan. 1927, p. 5.

cas que teria na época, por ter seis filhos, razões apontadas por ele mesmo, em carta autobiográfica, optou por trocar de curso e transferiu-se em 1929 para a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, atual UFRJ, onde formou-se em 1932 como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Segundo sua carta autobiográfica, escrita em 1949, Paulo Silva deu aulas de Harmonia Elementar e Superior no INM entre 1922 e 1924 e, posteriormente, de 1931 a 1938. Em 1932 ele foi contratado para ministrar aulas de Contraponto e Fuga no INM, cadeira para a qual prestou concurso de provas e títulos em 1935, tendo sido aprovado como Professor Catedrático da cadeira, por unanimidade, com “nota de distinção grau 10”! Por sua carta autobiográfica e outras fontes consultadas, sabemos que após o caso de racismo por ele sofrido no INM em 1925, Paulo Silva resolveu se afastar do prestigioso Instituto. Mas, além de se dedicar aos estudos em outras áreas, como Medicina e Direito, continuou a dar aulas de música na Escola 15 de Novembro e na escola particular de música Arcângelo Corelli, onde lecionava Harmonia e Contraponto e Fuga desde 1923. Somente em 1931 Paulo Silva voltou a dar aulas no INM.

Foi na gestão de Luciano Gallet, como diretor do INM em 1931, que Paulo Silva voltou a ministrar aulas no INM. Segundo Guilherme Schubert, alunos do Instituto chega-

ram a assinar um documento reivindicatório, dirigido ao ministro, pedindo sua volta ao INM. A ajuda de Luciano Gallet teria sido muito importante para a volta de Paulo Silva ao INM em 1931.¹² A mudança de seu status como professor no Instituto, através da aprovação no concurso público para a vaga de Professor Catedrático de Contraponto e Fuga, porém, somente foi possível em 1935, após outra polêmica, esta ocorrida em 1934 e divulgada nos jornais da época. Em uma reportagem do jornal *Diário Carioca* de 3 de maio de 1934, ficamos sabendo que o Conselho Universitário da Universidade do Brasil, a partir da indicação de um membro do Conselho, que era professor de Medicina, resolveu nomear o pianista João Octaviano Gonçalves como livre-docente da cadeira de Contraponto e Fuga. A nomeação, no entanto, seria ilegal segundo a reportagem do *Diário Carioca*, que nos informou que, pelo artigo 326 do Decreto nº 19.852, então em vigor, a nomeação de professores para o INM caberia ao “Conselho Técnico Administrativo” do próprio INM, composto de músicos do Instituto, que eram contrários à nomeação do referido pianista. A reportagem informava ao leitor que naquele momento o professor Paulo Silva era o professor de Contraponto e Fuga que seria afastado do INM para que o

12 SCHUBERT, G. *Discurso de posse do acadêmico Monsenhor Guilherme Schubert, fazendo o elogio do patrono da Cadeira nº37, Maestro José Paulo da Silva*. Rio de Janeiro: Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, 1983, p. 15.

pianista nomeado assumisse a cadeira:

O professor que se quer afastar é o maestro Paulo Silva, cujo nome goza de invejável conceito nos meios musicais e fora delle. Como tecnico, publicou um tratado de Harmonia e outro de Contraponto, que mereceram honrosos pareceres da comissão do Instituto encarregada de examinal-os.¹³

O texto da reportagem informava ainda ao leitor que os dois livros escritos por Paulo Silva, um deles sobre Contraponto, a disciplina em questão, eram adotados no INM e nos Conservatórios de São Paulo e de Minas Gerais! Naquele momento, em 1934, Paulo Silva já era um professor famoso e respeitado também como autor de importantes livros, que rapidamente se tornaram referências para cursos de Música no Brasil e no exterior. Seu livro intitulado *Manual de Harmonia* foi publicado em 1932 e seu livro *Curso de Contraponto* foi publicado em 1933. Naquela época, Paulo Silva já recebia homenagens públicas, em jornais, nos quais eram exaltadas suas qualidades como professor, em geral no dia 22 de novembro, celebrado como Dia do Músico, como as que podemos observar abaixo:

13 DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 03 mai. 1934.

THEATRO E MUSICA

O encerramento das aulas do professor Paulo Silva no Instituto de Musica



O professor Paulo Silva entre os seus «discipulos»

Aprecivando e prezente que lhe offerecemos o encerramento das aulas do professor Paulo Silva, os seus alumnos de contraponto e fuga nos tres annos de curso prestaram-lhe sympathica homenagem.

Em nome das manifestantes, fallou o dr. Raphael Baptista, tendo agradecido e homenageado, a quem foi offerta magnifica colleção de objectos para escriptorio.

Constituiu a cerimonia, mais uma eloquente manifestação do alto conceito em que é tido o professor, que acaba de levar ao fim do importante curso a primeira turma sob a sua direcção.

nos dará ensejo de ouvir na protagonista a soprano dramatica sra. Emilia Piave; a meio soprano Emma Barnani, que se encarregará do legado e difficil papel de Amosna, o tenor Olivero Belluzzi, que encarnará o Radamiro; o barytono Andruchal Lima, Amosano, e os baixos Balli e Sergeant, que farão o sacerdote e o Rei. Os coros serão de quarenta figuras, os bailados com vinte e quatro alumnos da Escola de Ballo do Municipal, apresentadas pela eximia choreographa Maria Oliveira e a Orquestra, constituida de trinta e seis professores que actuaram na ultima temporada do Theatro Municipal, dirigidos pelo maestro Franco Paolantonio, director geral dos espectaculos.

O 115.º ANIVERSARIO DO NASCIMENTO DE SCHILLER

Sabado, 24. As 11 horas, será realizada a 2.ª lectura, em homenagem ao indigne poeta Schiller, cujo 115.º anniversario do nascimento foi festejado este anno em toda a Alemanha.

A Pro-Arte, desejando associar-se a tão justa homenagem prestada a um dos maiores culões da litteratura, organou um interessante programma littero-musical.

Fallará sobre Schiller o dr. Luis Felipe Vieira Souto, estando a cargo de um dos alumnos dos cursos de allendo, a leitura de um trecho celebre do poema Immortal.

A parte musical foi entregue aos artistas Marietta Bezerra, Rosilda Natividade, Lucia Tenger e Henrique de Freitas e Castro.

CARTAZ DO DIA

Figura 2 – Matéria publicada em *O Jornal*, no dia 22 de novembro de 1934

Fonte: *O Jornal* (22 nov. 1934)

Na reportagem do *Diario Carioca*, de 3 de maio de 1934, a defesa da permanência de Paulo Silva como professor no INM chama a atenção, inclusive pelos argumentos utilizados, destacando sua origem humilde e sua trajetória vitoriosa até aquele momento:

Quanto a seu valor, como professor, é atestado, não só pela legião dos seus alumnos que a elle se referem com insopitável entusiasmo [...] É que o maestro Paulo Silva – a quem os mais exigentes, como o Oscar Guarnabario, rendem homenagens – pode servir e serve, na realidade, de exemplo, quer pela segurança de seus

conhecimentos técnicos, quer pela cultura jurídica e philosophica de que dispõe, quer, finalmente, pela sua tenacidade de *self made man*, que veio da multidão anonyma da miséria, subindo passo a passo pelo esforço proprio, com o só auxilio de sua intelligencia privilegiada. Hontem era o alumno gratuito da Escola 15 de Novembro, onde hoje é professor, depois fez concurso para livre docente de Harmonia, no Instituto, lugar que occupa com relevo; mais tarde estudou Direito obtendo, com desusado brilho, o gráu de bacharel. E, como a coroar esse conjunto de excepções, pussue um caracter de primeira água.

Pois bem, é esse o homen que o Conselho Universitário, contra a lei, contra a opinião dos professores e contra a nossa vontade, pretende arrancar da cathedra do Instituto Nacional de Música, em cuja a Congregação seu nome constitui motivo de justo orgulho. Por que o Sr. Ministro, para dirimir a contenda da forma mais honrosa possível, não determina a abertura de concurso para o preenchimento da cadeira de Contraponto e Fuga?

Figura 3 – Imagem publicada no *Jornal das Moças*, em homenagem a Paulo Silva, também em 22 de novembro de 1934
Fonte: *Jornal das Moças* (22 nov. 1934)



Seria uma ótima oportunidade de balancear os verdadeiros valores.¹⁴

Logo no dia seguinte, 4 de maio de 1934, informando ao leitor sobre a reviravolta no caso e o consequente retorno do Paulo Silva ao INM como professor de Contraponto e Fuga, o mesmo *Diário Carioca* publicou a seguinte matéria, com o título “O Instituto Nacional de Música novamente em foco”, exaltando mais uma vez o professor Paulo Silva e narrando como se deu seu retorno ao INM, com direito a flores, discursos e salvas de palmas:

Em reportagem minuciosa o DIÁRIO CARIOCA em sua edição de ontem, informou aos seus leitores o escândalo que vinha ocorrendo no Instituto Nacional de Música, com o afastamento do Professor Dr. Paulo Silva, da cadeira de Contraponto e Fuga, com a nomeação do maestro João Octaviano Gonçalves. Os animos dos professores e alunos encontravam-se exaltados pela atitude assumida pelo Conselho Universitário. Trazido o escândalo à baila o Conselho Técnico Administrativo tomando na devida consideração tudo quanto o DIÁRIO CARIOCA narrou resolveu reintegrar no cargo de professor de Contraponto e Fuga o antigo professor Dr. Paulo Silva e dar conhecimento do resolvido ao Conselho Universitário.

Hontem mesmo o livre docente Paulo Silva, reiniciou as suas aulas. Ao comparecer ao Instituto Nacional de

14 DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 03 mai. 1934.

Música, o dr. Paulo Silva foi alvo de uma manifestação por parte dos professores e alunos. A sua mesa encontrava-se juncada de flores, tendo os alumnos o recebido com uma prolongada salva de palmas, tendo uma dellas enaltecido os dotes do professor que vinha de obter mais um triumpho na sua vida de educador. Aos manifestantes o dr. Paulo Silva agradeceu em rápido e incisivo discurso.¹⁵

Finalmente, após a pressão de professores e alunos do INM, o concurso de provas e títulos para a vaga de professor catedrático de Contraponto e Fuga teve início em abril de 1935. Paulo Silva acabou recebendo duas homenagens: ninguém mais se apresentou como candidato, nem mesmo o pianista que chegou a ser nomeado para a cadeira, pelo Conselho Universitário da Universidade do Brasil, no ano anterior; e a banca examinadora, composta de alguns dos mais importantes músicos da época, Francisco Braga, Agnelo França, Samuel Arcanjo, Artur Pereira e Sílvio Deolindo Fróes, o aprovou por unanimidade, dando-lhe a nota máxima. No jornal *Correio da Manhã* de 4 de abril de 1935, foi publicada uma reportagem sobre o concurso e, especificamente, sobre a performance de Paulo Silva, com direito a uma anedota:

15 Idem. 04 mai. 1934.

A prova de “Fuga”, considerada difícilíssima, torna-se uma espécie de bicho de sete cabeças! Dá-se por isso ao candidato todo o tempo necessário para poder pensar e amadurecer os temas, as respostas, os contra-temas e as mil complicações do gênero. Calculava-se que o professor Paulo Silva tivesse de passar uma noite de vigília, encerrado numa sala secreta que lhe havia sido designada para o concurso. Muito solícitamente, com louvável carinho, o professor Guilherme Fontainha, diretor do Instituto Nacional de Música, mandou colocar na saleta uma cama para o repouso da noite. Qual não foi porém a surpresa de todos quando, depois de poucas horas de boa e sólida meditação, o ilustre professor Paulo Silva saía de sua prisão, perfeitamente lampeiro, a fim de entregar a quem de direito, não uma, mas várias “Fugas” feitas com todos os preceitos e arte admirável de composição.¹⁶

Logo após o concurso, Paulo Silva finalmente foi nomeado professor catedrático de Contraponto e Fuga, cargo que exerceu até se aposentar e se tornar professor Emérito da atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua fama, no entanto, não se restringia ao mundo da música erudita. Sérgio Cabral, o jornalista que escreveu a biografia de Pixinguinha (1897-1973), contou em seu livro que este, considerado por muitos um dos maiores músicos brasileiros de todos os tempos, teria procurado o famoso professor Paulo Silva,

16 CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 04 abr. 1935.

“interessado em aprofundar-se mais nos segredos da harmonia musical”. Mas Sérgio Cabral conta também que Pixinguinha teria sido desencorajado pelo professor Paulo Silva, que muito humildemente teria dito a ele: “Pra quê, Pixinguinha? Você não tem nada a aprender e ninguém tem nada a lhe ensinar”¹⁷. Mas, mesmo assim, Pixinguinha estudou no INM no ano de 1933, quando recebeu o certificado do curso de Teoria Musical¹⁸. O próprio Pixinguinha contou em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som (MIS) que tinha sido aluno de Paulo Silva e colega de turma de Eleazar de Carvalho, um dos mais famosos alunos de Paulo Silva, como veremos a seguir¹⁹.

Donga (1890-1974), um dos pioneiros do samba, que teria gravado o primeiro samba em disco – *Pelo Telefone* – ainda em 1916, era um grande admirador e amigo de Pixinguinha. Donga contou em seu depoimento ao MIS uma passagem interessante, no qual exaltava tanto a figura do seu amigo e companheiro de trabalho, Pixinguinha, quanto a figura do ilustre professor Paulo Silva:

17 CABRAL, S. *Pixinguinha: vida e obra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2007, p. 159.

18 *Ibidem*.

19 SAMPAIO, L. A. *Vaidade e ressentimento dos músicos populares e o universo musical do Rio de Janeiro no início do século XX*. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 260.

Vou dizer uma coisa: acho o Pixinguinha um gênio. Sempre achei. Não é por exibição, não, pois não sou erudito, mas aconselhei muito Pixinguinha. Outros aconselharam também [...] O professor Paulo Silva é outro exemplo. Para mim e para todos era o instrumentista que mais sabia música, talvez até da América do Sul. Uma vez, em Paris, ele [Paulo Silva] entrou numa loja para comprar um método [livro], aquele negócio de Contraponto e Fuga, e deram-lhe o dele mesmo. Pois bem, o Paulo conversando comigo no Café Nice, me disse: “Não sei até agora como Pixinguinha faz essas instrumentações, porque a regra proíbe tecnicamente certos recursos inadmissíveis nos compassos. Jamais consegui colocar essas formas dentro dos compassos como o Pixinguinha. Devem ser transcendentais!”.²⁰

Paulo Silva, o “instrumentista que mais sabia música”, segundo Donga, contou a história de seu livro nas lojas e no Conservatório de Paris para outras pessoas. Joaquina de Araújo Campos, em seu discurso de posse na Cadeira n° 24 da Academia de Letras e Artes de Paracambi, cujo patrono era Paulo Silva, contou que o livro de Paulo Silva, *Manual de Fuga*, publicado no Brasil em 1935, logo foi traduzido para o francês por Alice Isnard Távora. Ela conta ainda que Paulo Silva,

se encontrava em Paris, procurando nas várias casas de música, inclusive na Biblioteca do Conservatório, uma

20 DONGA apud CABRAL, 2007, p. 68.

obra atualizada da sua especialidade, [quando] foi grandemente surpreendido com a apresentação de sua própria obra na língua francesa.²¹

Chama a atenção, ao analisar as fontes históricas encontradas ao longo da pesquisa, a importância dada pelo próprio Paulo Silva, e todas as pessoas que escreveram documentos ou discursos sobre ele na época, à sua experiência na França. Por exemplo, em sua carta autobiográfica escrita em 1949, das três páginas e meia escritas, Paulo Silva dedica quase uma página inteira, inclusive com vários trechos escritos em francês, à sua experiência em Paris e aos intercâmbios estabelecidos com dois professores do Conservatório Nacional de Música de Paris, Simone Plé-Caussade e Henri Busser. Ele realmente demonstrava ter muito orgulho de ter obtido o reconhecimento pelo seu trabalho em terras francesas.

Em 1937, já como professor catedrático da Universidade do Brasil, Paulo Silva frequentou aulas de Contraponto e Fuga, ministradas pela professora Simone Plé-Caussade no Conservatório Nacional de Música de Paris. Ele conta em sua carta auto-biográfica que nessa ocasião teve a oportunidade de apresentar seu *Manual de Fuga*, que já havia sido traduzido para

21 CAMPOS, J. A. *Discurso de posse da prof. acadêmica Joaquina de Araujo Campos, na cadeira n° 24, Patrono Prof. Dr. Paulo Silva*. Paracambi: Academia de Letras e Artes de Paracambi, 1974, p. 3.

o francês naquela altura. Este livro ainda hoje é encontrado na Biblioteca do Conservatório francês. Sobre o *Manual de Fuga*, Simone Plé-Caussade, então professora do Conservatório em Paris, disse, em carta enviada à casa de Paulo Silva, após seu retorno ao Brasil:

[...] tenho lido com o máximo interesse a obra que me enviastes [...] sinto-me feliz de render homenagem ao vosso trabalho tão inteligente [...] com a certeza dos meus sentimentos de simpatia e de minha admiração artística.²²



Figura 4 – Paulo Silva em foto assinada e enviada à Academia Brasileira de Música, em 1949

Fonte: Autor desconhecido /Acervo da Sociedade Amigos do Prof. Paulo Silva, encontrado na seção de música da Biblioteca Nacional

²² A tradução da carta citada no corpo do texto foi feita pela amiga, ex-aluna e uma das fundadoras da Sociedade Amigos do Professor Paulo Silva, Dulce Martins Lamas.

Foram 10 anos de intervalo entre o episódio explícito de racismo em 1925, com o consequente afastamento do INM, e sua volta triunfal, como professor catedrático de Contraponto e Fuga em 1935, após a realização de um concurso público que, vale destacar, foi resultado da mobilização e da reivindicação de professores e alunos do próprio INM em 1934. Em 1945, 20 anos após o episódio de racismo que tanto o marcou no INM, já com sua carreira consolidada e com reconhecimento internacional, Paulo Silva foi eleito membro da Academia Brasileira de Música, ocupando, como fundador, a Cadeira n° 13. Anos depois, foi ainda eleito para ocupar a Cadeira n° 37 da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro e até meados da década de 1960 era um dos nomes mais respeitados do cenário musical brasileiro. Seus livros eram adotados nas principais escolas de música do país, algumas ainda hoje os adotam. E há, inclusive na imprensa, vários registros de viagens e cursos realizados pelo professor Paulo Silva em diferentes estados brasileiros.

Em 1953, a Academia Brasileira de Música, com o apoio de Villa-Lobos, seu idealizador e fundador, organizou o Festival Paulo Silva, que foi realizado no prédio do Ministério da Educação, reunindo vários artistas que interpretaram somente músicas compostas pelo maestro Paulo Silva. Este foi um momento de grande alegria e grande realização pessoal em

sua vida, pois até então ele era muito respeitado como professor e escritor de obras de referência para o ensino de Harmonia, Contraponto e Fuga. Contudo, seu lado compositor era, por muitos, desconhecido. O sucesso de suas músicas foi tamanho, que o próprio Villa-Lobos descreveu como “*Inteiramente vitorioso*” o resultado do Festival, em carta enviada a Paulo Silva.²³



Figura 5 – Paulo Silva com algumas alunas no saguão da atual Escola de Música da UFRJ
Fonte: Autor desconhecido / Acervo da Sociedade Amigos do Prof. Paulo Silva, encontrado na seção de música da Biblioteca Nacional

Voltando a falar do maestro Villa-Lobos, em 22 de novembro de 1955, no jornal *Correio da Manhã*, foi publicada uma crítica sobre o último livro escrito por Paulo Silva, *Lingua-*

23 VILLA-LOBOS, H. [*Correspondência*]. Destinatário: Paulo Silva. [S.l.], s.d. Disponível no arquivo da Sociedade Amigos do Prof. Paulo Silva, encontrado na seção de música da Biblioteca Nacional.

gem da Música, um livro inovador, de 447 páginas, publicado em 1954 e chamado pelo jornal de “excelente!”. Esse livro, em especial, por seu caráter revolucionário em relação ao que se fazia até então em termos de ensino de música no Brasil, recebeu muitas críticas de diversos músicos e professores. Todas as críticas encontradas na pesquisa para este livro foram muito positivas, como esta escrita pelo maestro Villa-Lobos e que compunha a matéria do jornal *Correio da Manhã* publicada no Dia do Músico, em 22 de novembro de 1955:

A sua obra “Linguagem da Música” irá repercutir nos meios escolásticos da música como uma bomba atômica, tal a revolução de princípios educacionais que nela está contida. Esta obra está de acordo com o século atual: vencer longas distâncias por caminhos rápidos e diretos. Meus profundos e ardentes parabéns e agradecimentos por mais essa útil e profícua contribuição em favor dos estudiosos da mais humana das artes, a Música.²⁴

Vale a pena destacar outra crítica, apresentada em longo artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*, em 19 de novembro de 1958, pelo proeminente musicólogo Eurico Nogueira França, que foi editor da *Revista Brasileira de Música* e redator da Rádio MEC por mais de 30 anos. Em seu artigo, Eurico França explica as razões pelas quais tornou-se admi-

24 CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 22 nov. 1955.

rador não só do professor, mas também do método criado por Paulo Silva, pois ele “transmite não a harmonia, o contraponto, a fuga, segundo métodos obsoletos, mas a linguagem viva da música, que permite realmente escrever música.” Ainda segundo Eurico França:

Todas aquelas disciplinas se inscrevem no quadro mais vasto, e o único válido, da composição musical, e são aprendidas em função do impulso que move os alunos, de se exprimir musicalmente.²⁵

A grande inovação, a mudança de perspectiva provocada pela obra didática *Linguagem da Música* dizia respeito, portanto, à tentativa de dar ao estudo da composição musical uma forma global, desde o início, baseada na própria produção dos alunos, que treinariam a composição desde o começo do curso. Como Paulo Silva diz no prefácio do seu livro, citado na crítica de Eurico França:

A atividade criadora deve ser estimulada o mais cedo possível. Por isso antepomos ao costume de cantos e baixos dados, a prática de comporem os próprios estudantes as melodias para os exercícios da matéria explicada. Cantos e baixos dados serão exercitados mais tarde. Tudo se fez para possibilitar pleno desenvolvimento à feitura de melodias, dar uma ideia da compo-

25 Idem. 19 nov. 1958.

sição em conjunto desde as primeiras lições e, em suma, colocar o ensino teórico em melhor correspondência com os fatos.²⁶

Eurico França termina a sua longa crítica afirmando que o método de Paulo Silva estaria sendo “decisivamente aprovado na prática”, e dando notícia ao leitor sobre os cursos dados por Paulo Silva, “com eloquente êxito, em Porto Alegre e Curitiba.”²⁷. Segundo Dulce Lamas, ex-aluna e grande amiga de Paulo Silva, no pequeno texto biográfico escrito após a morte de Paulo Silva, no ano de 1967, os resultados do livro *Linguagem da Música* “tiveram o reconhecimento do ensino oficial, tanto em estabelecimentos estaduais, como pelo Ministério da Educação e Cultura.” Ela nos conta então, com mais detalhes, sobre o tal curso de extensão dado por Paulo Silva, baseado em seu método *Linguagem da Música*, na Escola de Belas Artes de Porto Alegre, em 1957, que foi repetido no ano seguinte com grande sucesso na Escola de Belas Artes de Curitiba, segundo ela, o já citado musicólogo Eurico França e os jornais paranaenses, como se pode observar nas matérias abaixo:

26 SILVA, *Linguagem da Música* apud CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 nov. 1958.

27 CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 nov. 1958.

uma proposta de renovação do ensino de Música, tenha havido sim diversas críticas negativas ou, ao menos, dificuldades em lidar com a proposta do livro *Linguagem da Música*, principalmente por parte de professores vistos como mais “tradicionais”, apegados às formas então hegemônicas de ensinar música, separando cada área da música e valorizando prioritariamente a técnica e o conhecimento específico de cada área em relação à composição.

Um outro exemplo de crítica positiva foi a publicada no *Jornal do Brasil* em 10 de maio de 1961, feita pelo famoso músico italiano, radicado no Brasil, Renzo Massarani, que terminou seu texto a respeito do livro *Linguagem da Música* afirmando que este livro era uma “obra que todo e qualquer estudante de música e mesmo, seja-me permitido dizê-lo, os bons e honestos professores deveriam ter sempre à cabeceira”²⁸.

Na mesma linha, o professor Modesto de Abreu, em artigo publicado no *Jornal do Commercio* em 24 de julho de 1969, afirma que o livro *Linguagem da Música* seria,

de uso a bem dizer obrigatório, hoje, mesmo nas classes dirigidas por quantos não acreditavam, ou mesmo desdenhavam dos méritos dessa obra pioneira e renovadora no ensino da arte de compor.

E seguia afirmando que esses mudaram de ideia

28 JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 10 mai. 1961.

“principalmente depois que começaram a vê-la elogiada, recomendada, traduzida e adotada em grandes centros de cultura musical de vários países estrangeiros”²⁹.



Figura 7 – Matéria de capa do jornal *O Dia*, publicada no Paraná em 12 de outubro de 1958
Fonte: O Dia (12 out.1958)

Dulce Lamas contou ainda, em seu pequeno texto biográfico, que Paulo Silva realizou curso semelhante ao dado em Curitiba e em Porto Alegre, sempre convidado, e em alguns casos com patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, em outros estados brasileiros. Ele viajava por vários estados, dando palestras e cursos em várias universidades, e obtinha inclusive reconhecimento internacional, não só, como já foi dito, por ser autor de vários livros que tornaram-se referências para o ensino de música no país ou por ser “um dos maiores contrapontistas da América do Sul”, mas também através de seus alunos, que certamente lhe davam muito orgulho, como ressaltavam algumas reportagens publicadas em diferentes jornais, como essa abaixo:

A música brasileira muito deve ao professor Paulo Silva [...], como por ter formado o maior número de músicos de relevo, destacados elementos que têm contribuído não só para dar personalidade ao ambiente artístico brasileiro, como pela projeção que obtém no cenário artístico internacional.³⁰

Entre seus alunos, destacam-se Pixinguinha, Tom Jobim, Paulo Moura e Walter Franco na música popular, Eleazar de Carvalho³¹ e muitos outros grandes nomes da música

30 JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 16 jan. 1955.

31 Eleazar de Carvalho foi o maestro brasileiro de mais representativa carreira internacional. Regeu 43 orquestras na Europa, 18 nos Estados Unidos – entre elas as filarmônicas de Viena, Berlim e Nova York, além das sinfônicas de Boston, Londres e Paris. Deu aulas na Juilliard School e na Universidade de Yale, ambas nos Estados Unidos. No Brasil, dirigiu a Sinfônica Brasileira, as orquestras do Recife, de Porto Alegre e da Paraíba e o Festival de Inverno de Campos do Jordão. Ver: SAMPAIO, J. L. Eleazar de Carvalho, inédito. 17 jun. 2012. *Estadão*. Disponível em: <http://cultura>.

erudita nacional e internacional. Eleazar, Dulce Lamas e alguns outros ex-alunos e colegas da Escola de Música, apenas dois meses após a sua morte em 12 de julho 1967, fundaram a Sociedade Amigos do Professor Paulo Silva. Vários jornais, como por exemplo, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*, publicaram ao longo do segundo semestre de 1967 diversas matérias sobre a criação da Sociedade Amigos do Professor Paulo Silva, que no seu início contava com a liderança do professor Modesto de Abreu. Desde sua criação, a Sociedade buscou celebrar a memória e a obra de Paulo Silva, articulando, por exemplo, através de contatos com políticos em âmbito municipal e estadual, para tornar possível a nomeação de ruas, uma em Nova Friburgo e outra na cidade do Rio de Janeiro, e também a nomeação de uma escola pública nesta última.

Dois anos e sete dias após a morte de Paulo Silva, em 19 de julho de 1969, em função de esforços da Sociedade Amigos do Professor Paulo Silva e das articulações políticas realizadas por esse grupo de ex-alunos e colegas,³² foi erigido um busto de Paulo Silva, esculpido em bronze por Carlos Del Negro, pro-

estadao.com.br/blogs/joao-luiz-sampaio/eleazar-de-carvalho-inedito/. Acesso em: 07 dez. 2019.

32 Segundo Modesto de Abreu, Paschoal Carlos Magno, diplomata brasileiro muito ligado à área da Cultura, teria conseguido o apoio e a autorização do Secretário Álvaro Americano e do governador Negrão de Lima para que o busto de Paulo Silva fosse erigido no Passeio Público, à época também conhecido como "parque de Mestre Valentim", cf. JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 24 jul .1969. Mestre Valentim da Fonseca e Silva, o grande escultor negro do século XVIII, projetou e foi responsável pela construção deste que foi o primeiro parque público ajardinado das Américas, v. PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. Construção e inauguração. Disponível em: <http://www.passeiopublico.com/construcao.asp>. Acesso em: 09 jan. 2020.

fessor catedrático da Escola Nacional de Belas Artes, da atual UFRJ, e inaugurado com grande festa no Passeio Público, o parque localizado em frente à atual Escola de Música da UFRJ, o mesmo Instituto Nacional de Música onde Paulo Silva estudou, se formou, viveu momentos difíceis e outros triunfais, a instituição onde ele ensinou música por cerca de 40 anos. Vários discursos foram feitos, não só por músicos e familiares. O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, amigo e colega de turma de Paulo Silva na Faculdade Nacional de Direito, Evandro Lins e Silva,³³ foi um dos presentes a fazer um discurso em homenagem a Paulo Silva, segundo Modesto de Abreu,

salientando a cordialidade de seu trato com os colegas, seu devotamento ao estudo das disciplinas curriculares e sua projeção de sua personalidade como cultor da arte a que, por vocação, se dedicara.³⁴

O primeiro a discursar na cerimônia de inauguração foi o professor Enio de Freitas e Castro, da Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, representando os ex-alunos. Após ressaltar a humildade e as muitas outras qualidades do mestre e professor Paulo Silva, Enio de Freitas e Castro terminou o seu discurso da seguinte forma:

33 Paulo Silva e Evandro Lins e Silva se formaram bacharéis em Direito juntos, no final do ano de 1932, na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

34 JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 24 jul. 1969.

Parece-me bem que, como em 1957, eu poderia novamente escrever para um dos jornais de Porto Alegre: está entre nós o Professor Paulo Silva, um dos elementos mais representativos da cultura musical brasileira. E não é certo que ontem, como hoje, como amanhã, essa afirmação será verdadeira? O professor Paulo Silva está na história de nossa cultura musical, justamente naquilo que ela tem de básico, ou seja, a teoria elementar, a harmonia fundamental, o contraponto que educa, a fuga que cimenta, a composição que forma, nessa cadeia de disciplinas que constituem o essencial no progressivo desenvolvimento de uma consciência musical interior e integrante.

[...] E assim era ele, assim era esse alguém de vida bem vivida que nos trouxe hoje aqui. Era coração e bondade, era inteligência e cultura, era um homen honesto que nada fez para garantir a posteridade, era um homen inteligente que muito fez para merecer a posteridade.³⁵

São muitas as evidências de que, de fato, seja através de suas obras, seja através de seus ensinamentos perenes, por meio da atuação de seus muitos e importantes alunos, Paulo Silva foi e é “um dos elementos mais representativos da cultura musical brasileira”. Em muitas reportagens em jornais e nas outras fontes históricas pesquisadas, a trajetória de sucesso

35 Discurso de Enio de Freitas e Castro proferido na solenidade de inauguração do busto do Professor Paulo Silva, em 19/07/1969, no Passeio Público, no Rio de Janeiro. Publicado na íntegra no *Jornal do Commercio*; cf. JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 27 jul. 1969.

de Paulo Silva, realmente impressionante e incomum, de um aluno interno da Escola 15 de Novembro a professor emérito da Escola de Música da UFRJ, era sempre lembrada, como no texto de Modesto de Abreu publicado no *Jornal do Commercio* em 24 de julho de 1969:

Mas eu quero colocar, acima de tudo isso, aquele que me parece o maior de todos os seus títulos: o ter conseguido, depois de entrar como aluno amparado pelo Estado numa escola de prevenção, **preto, pequeno e pobre** (como de si dizia o grande e saudoso Hemetério³⁶) com apenas oito anos de idade e sem outro parente que não fosse sua desprotegida mas dedicada mãe, subir todos os degraus do aprendizado inicial de sua arte, para sair professor da mesma instituição que o recebera anos antes e tão desaparelhado, cabendo-lhe ali o privilégio de suceder a seu mestre e amigo, quando mal acabava de completar 17 anos de idade!³⁷

Professor emérito que por quatro décadas produziu e ensinou na maior e mais prestigiosa escola de música do país, o INM, depois Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil e, atualmente, Escola de Música da UFRJ, Paulo Silva

36 Sobre Hemetério dos Santos, ver a bela dissertação de Luara dos Santos Silva: SILVA, L. S. *'Etymologias Preto'*: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920). 2015. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2015. Ver também a excelente tese escrita por Aderaldo Pereira dos Santos: SANTOS, A. P. *A arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do Professor Hemetério José dos Santos (1870 – 1930)*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

37 JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 24 jul. 1969 (grifos do autor).

definitivamente é alguém que “está na história da nossa cultura musical”, como afirmou Enio de Freitas e Castro. Diria então, para finalizar este capítulo, diante de uma trajetória tão difícil e vitoriosa ao mesmo tempo, que “a música da vida” de Paulo Silva foi em tom maior, com variações constantes e ritmos alternados, altos e baixos, mas sempre com uma seriedade serena e uma força marcante.

Paulo Silva deixou muitas memórias positivas, muitas produções que se tornaram referências em áreas da Música, e muitos alunos que deram continuidade ao seu legado como professor. Mas talvez, o seu sucesso social, os cargos que ocupou e o reconhecimento que obteve em vida, em certa medida, tenham se tornado possíveis em função das formas como Paulo Silva lidou com a questão racial no Brasil em sua época, estabelecendo “contrapontos” – algumas “fugas”, talvez? –, como veremos no próximo capítulo.



Figura 8 – Autoridades presentes na solenidade de inauguração do busto de Paulo Silva no Passeio Público, no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1969

Fonte: Autor desconhecido / Acervo da Sociedade Amigos do Prof. Paulo Silva, encontrado na seção de música da Biblioteca Nacional



Figura 9 – Amigos e familiares presentes na solenidade de inauguração do busto de Paulo Silva no Passeio Público, no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1969

Fonte: Autor desconhecido / Acervo da Sociedade Amigos do Prof. Paulo Silva, encontrado na seção de música da Biblioteca Nacional

ASPECTOS DO PENSAMENTO DE PAULO SILVA EM RELAÇÃO À IDEIA DE RAÇA

Chegado ao Brasil como escravo, nessa qualidade permaneceu o negro durante várias gerações. Teve a libertação de direito, mas a de fato ainda está para vir. Os brancos, faltando aos compromissos para com os mais sagrados princípios da civilização cristã, usando do engambelo e da mentira, arrancaram-no da família e da terra natal, fazendo-o objeto de compra e venda. Isso se verificou na segunda metade do século XVI, quando se proclamava aos quatro ventos, em prosa e em versos, unissonamente e com a mais íntima cooperação do Estado, ser a civilização portuguesa obra absolutamente fundada nos princípios da moral cristã.³⁸

Paulo Silva teve que lidar com o racismo de diversas formas, em alguns momentos de maneira muito direta, como no caso apresentado no capítulo anterior, ocorrido em 1925, em

38 SILVA, P. *Resposta a um racista*. S.d. Mimeografado, p.1.

função do qual ele acabou se afastando do INM. Mesmo sendo um homem com uma trajetória de sucesso profissional no Brasil e no exterior, um homem que obteve prestígio social em meio a uma sociedade racista, um homem que ensinava e compunha música erudita de matriz europeia, tudo isso não o protegia de ter que lidar com o racismo em vida. E ainda hoje há impactos do racismo sobre sua história, mesmo mais de 50 anos após a sua morte. A atual invisibilidade deste homem, que é “um dos elementos mais representativos da cultura musical brasileira”, como dizia Enio de Freitas e Castro, até mesmo em espaços dedicados à música erudita no Brasil, é um exemplo de como o racismo incide sobre a realidade brasileira, inclusive em relação às memórias e histórias que construímos e consolidamos nas escolas e na sociedade como um todo.

O texto *Resposta a um racista*, escrito por Paulo Silva e encontrado no arquivo da Sociedade Amigos do Professor Paulo Silva, depositado na Seção de Música da Biblioteca Nacional, mas que não foi datado, nem publicado pelo próprio autor, é um exemplo bastante evidente de que Paulo Silva lidava com o racismo, estudava sobre o tema e desenvolvia argumentos sólidos, baseados em sua experiência pessoal e nas muitas leituras que fazia. O fato de escrever o texto, selecioná-lo entre tantas outras coisas para guardá-lo, mas não o publicar, parece um

indício interessante para nos ajudar a entender o modo como nosso personagem lidava com a questão racial. Embora estivesse absolutamente atento ao tema, não costumava se pronunciar publicamente sobre o racismo. Ao contrário, com uma formação religiosa cristã-católica muito forte, utilizava recorrentemente o trabalho duro e os estudos como forma de demonstrar sua inteligência, seu esforço e dedicação, o que considerava ser o “mérito” que justificava sua entrada em espaços de poder, quase totalmente brancos no Brasil de sua época.

O caso de racismo por ele sofrido em 1925 no INM é muito elucidativo nesse sentido. Mesmo com protestos de alunos e colegas, mesmo com denúncias sobre o caso publicadas em jornais, Paulo Silva não se manifestou publicamente. Ao contrário, optou por se afastar do INM e iniciar novos estudos que pudessem fortalecê-lo, primeiro no Colégio Pedro II, depois na Escola de Medicina e, por fim, na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, onde se formou em 1932. Não bastava ser o “instrumentista que mais sabia música, talvez até da América do Sul”, como dizia o Donga, ele entendia que precisava também ampliar os seus conhecimentos, estudar filosofia, conhecer o Direito, falar outras línguas, especialmente o francês, e assim poder circular com mais segurança na alta sociedade carioca.

Paulo Silva não publicou nenhum texto, não deu nenhuma entrevista para jornais, não deixou nenhum registro em que publicamente denunciasse o racismo por ele sofrido, nem no caso mais explícito encontrado na pesquisa para este livro, o de 1925 no INM, nem no caso em que os indícios de racismo também eram fortes, como o de 1934 na mesma instituição, já chamada então de Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil. Mas escreveu e guardou um texto em que demonstra grande conhecimento sobre as discussões em torno da questão racial no mundo.

Como suponho que o texto do Paulo Silva intitulado *Resposta a um racista* seja posterior aos dois casos de racismo mencionados acima, acho importante tentar compreender ao menos a época em que o texto deve ter sido escrito, para melhor poder contextualizar seu pensamento, ali exposto. Devido principalmente aos autores citados no corpo do texto e às respectivas datas de publicação de seus livros, acredito que o texto deve ter sido escrito entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940. Um forte indício é o próprio texto-base de referência utilizado por Paulo Silva para sustentar suas argumentações: *La race dans la civilisation: Une critique de la doctrine nordique*, de Frank H. Hankins.

Hankins era professor de Sociologia do Smith College, nos Estados Unidos, e publicou seu livro *The Racial Basis of Civilization: A critique of the nordic doctrine* em 1926, que teve a seguir uma edição revisada em 1931. Somente em 1935 foi publicada sua tradução para o francês, com o título citado por Paulo Silva.

Em 1937, Paulo Silva já era professor catedrático da maior escola de música de seu país e foi até Paris para observar algumas aulas de suas matérias – Contraponto e Fuga – no respeitado Conservatório Nacional de Música de Paris. É possível que naquele período ele tenha tomado contato com a obra de Frank Hankins em francês. Há também, no texto do Paulo Silva, uma citação de Goebbels³⁹ – um teórico alemão, que foi ministro da Propaganda da Alemanha nazista, muito citado pelos nazistas desde que assumiram o poder na Alemanha em 1933, ano em que Hitler, líder do partido nazista, foi nomeado chanceler daquele país. O que é um indício de que o texto pode ser anterior ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, pois suponho que a menção a Goebbels, um personagem importante e exemplar em relação às doutrinas racistas que Paulo Silva combatia, pode ter sido uma estratégia para sensibilizar o lei-

39 Ele não cita o título da obra.

tor do texto, ao construir uma ponte com a realidade vivenciada naquele momento em que a Alemanha nazista e racista lutava para impor seu poder ao mundo.

A forma com a qual Paulo Silva apresenta seu texto *Resposta a um racista* sugere que ele utilizava a ideia de racismo que, segundo o sociólogo Michael Banton, teria sido “[...] introduzida em Inglaterra no final dos anos 1930, para identificar um tipo de doutrina que, em essência, afirma que a raça determina a cultura”⁴⁰. Paulo Silva inicia seu texto da seguinte maneira:

Assistindo a uma defesa de tese, no Colégio de D. Pedro II, tivemos o desprazer de ouvir, contra o negro, acusação das que, pela enormidade da injustiça, ferem tanto e tanto, que já não podem ser maiores. Um dos examinadores, cujo nome não queremos escrever, a certa altura, disse: “a imoralidade com que se alegram os brasileiros veio do negro”⁴¹.

Ao tratar esse tal examinador como racista, Paulo Silva entendia que essa “imoralidade”, a que o examinador se refere, seria um traço cultural presente na sociedade brasileira, determinado pela presença do “sangue negro” na formação dessa sociedade. Esse determinismo biológico é exatamente o que ele mais combatia. Ele dialogava com vários autores estrangeiros, combatendo

40 BANTON, M. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 174.

41 SILVA, s.d., p. 1.

a doutrina do tipo racial. E afirmava com segurança: “Atualmente não se encontra um só indivíduo que corresponda absolutamente a determinado tipo racial”⁴². Notemos o trecho a seguir:

Segundo Lapouge o ariano prova, pela força de vontade, haver sido criado para ser senhor. Assegura o mesmo racista ser essa disposição um forte contraste com o caráter pacífico do braquicéfalo, o servidor paciente do loiro dolicocefalo. Diz ainda serem os braquicéfalos, uma raça de escravos a qual está sempre à cata de senhores.⁴³

Paulo Silva desconstrói a ideia de que a formação do crânio dolicocefalo determinaria a superioridade do branco, enquanto o crânio braquicéfalo⁴⁴ determinaria a inferioridade do negro, através de dois argumentos. Primeiro:

Frank H. Hankins, de cuja obra “La race dans la civilisation” tiramos quase todos os informes aqui utilizados, é quem nos dá notícia de que, segundo Fleure, povos os mais afastados uns dos outros, geograficamente falando, como o País de Gales, a Irlanda, a Austrália [...]. e a parte oriental do Brasil apresentam um grau extremo de dolicocefalia.

42 *Ibidem*, p. 4.

43 *Ibidem*, p. 3.

44 Braquicéfalo [De *braqui + céfalo*]. 1. Diz-se de, ou indivíduo cujo o crânio, observado de cima apresenta a forma de um ovo, porém mais curto e arredondado posteriormente. [O índice cefálico vai de 84 a 85,9. Cf. dolicocefalo e mesocéfalo.] Ver: BRAQUICÉFALO. In: FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. Uma das teorias racistas mais utilizadas em fins do século XIX, afirmava que o tamanho e a forma do crânio distinguiriam as raças, sendo a raça branca – dolicocefalos – superior à raça negra – braquicéfalos. Ver: RODRIGUES, N. R. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

E segundo:

[...] a história da República dos Palmares e do São Domingo, inclusive ao Haiti, desmente as assertivas de andar o negro sempre à cata de um senhor e de que ele se satisfaça com a situação de servidor paciente. Registram as estatísticas um grande número de idiotas, imbecis, estúpidos e pervertidos, entre dolococéfalos, assim como entre braquicéfalos. Isso prova a inutilidade completa da teoria das dimensões craniana.⁴⁵

Fazendo menção ao Quilombo dos Palmares e à Revolução Haitiana, Paulo Silva não só combate a teoria racial citada, com evidências que a desqualifica, mas também valoriza histórias de lutas de homens e mulheres negros pelo mundo. Lendo o texto de Paulo Silva, percebe-se uma possível relação com o pensamento de Franz Boas (1858-1942), considerado um dos pais da Antropologia Cultural nos Estados Unidos, em função de suas argumentações, principalmente de sua constante tentativa de desvincular a biologia da cultura. Chego a me perguntar se Paulo Silva não teria lido *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, notadamente influenciado por Boas.⁴⁶ Este inclusive influenciou Gilberto Freyre pessoalmente durante seus

45 SILVA, s.d., p. 3-4.

46 Há controvérsias em relação à presença do conceito de raça, ainda muito biológico, na obra de Gilberto Freyre, o que o afastaria da influência de Boas, que inclusive é reivindicada por Freyre. Algumas ambiguidades na obra de Freyre são objeto de análise no livro: ARAÚJO, R. B. *Guerra e paz: casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

estudos na Universidade Columbia, em Nova York.⁴⁷ Contudo, Paulo Silva não cita nem Boas nem Gilberto Freyre.⁴⁸ Entretanto, observemos a semelhança de pensamento, por exemplo, ao discutir a importância do meio social para a formação das desigualdades culturais. Paulo Silva diz:

Mas, Senhor Deus, será justo que, do ponto de vista intelectual, o negro escravo, vindo de país de civilização rudimentar, atormentado por um terrível complexo de inferioridade, se possa comparar ao branco, livre, emigrado dos centros de mais elevada cultura, com saúde, recursos econômicos, bom nome de família e senhor de todos os meios de favorecer o desenvolvimento da inteligência? Não; positivamente não. Somente baseada num denominador comum poderia a comparação ser tomada a sério. [...] o denominador comum é o “meio” em seu significado mais amplo.⁴⁹

Boas referindo-se à situação dos negros nos Estados Unidos, diz o seguinte: “Em resumo, temos todas as razões para acreditar que quando forem dados recursos e oportunidades, o Negro será capaz de cumprir todos os deveres da cidadania

47 Isso fica claro quando Gilberto Freyre afirma em seu prefácio a primeira edição de *Casa Grande & Senzala*: “O Professor Franz Boas é a figura de mestre que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Columbia.”. Cf. FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, XXIII.

48 Aliás, essa é uma outra questão: Paulo Silva não cita nenhum autor brasileiro. Ele somente dialoga diretamente com autores estrangeiros, como era comum em sua época.

49 SILVA, s.d., p. 1.

assim como seu vizinho branco.”⁵⁰. Boas também afirma que: “As atividades mentais são funções do organismo. Temos visto que funções fisiológicas do mesmo organismo podem variar enormemente sob condições variáveis”⁵¹. E ainda:

[...] o ambiente cultural é o mais importante fator para determinar os resultados dos assim chamados testes de inteligência. [...] Tudo que podemos afirmar com certeza é que o fator cultural é da maior importância e poderia bem ser responsável por todas as diferenças observadas.⁵²

Percebemos analisando o texto de Boas, *Raça e Progresso*, que ele também dialoga com o conde Arthur de Gobineau (1816-1882), que acreditava que a miscigenação levava à degenerescência das raças e que teria sido o grande “arauto do racismo biológico”⁵³. O historiador Leon Poliakov, a respeito das consequências da miscigenação, diz o seguinte:

Pode-se demonstrar que a alta nobreza de todas as partes da Europa é de origem muito misturada. Populações urbanas da França, Alemanha e Itália são derivadas de todos os distintos tipos europeus. Seria difícil mostrar que qualquer degeneração que pudesse existir entre eles pode

50 BOAS, F. *The mind of primitive man*. Nova York: The Free Press, 1965, p. 240 (tradução nossa).

51 BOAS, F. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 77.

52 *Ibidem*, p. 80-81.

53 POLIAKOV, L. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 221.

ser atribuída a um efeito maléfico do intercasamento. A degeneração biológica é mais facilmente encontrada em pequenas regiões com intensa endogamia.⁵⁴

Paulo Silva também via a miscigenação de forma positiva, como podemos ver no seguinte trecho:

O Brasil tem, na grande maioria dos seus mais ilustres filhos, a colaboração do sangue negro. [...] e mais: nenhum povo – registra a História da Civilização – se educou sem o auxílio alienígena.⁵⁵

Talvez também influenciado pelo texto de Hankins, que diz o seguinte:

Nossa tese é de que todos os importantes grupos históricos foram heterogêneos em sua composição racial; e que todas as áreas de alta cultura foram áreas de grande movimento populacional e mistura racial.⁵⁶

Boas, concordando com essa afirmação, complementarmente: “Então nós encontraremos, se selecionarmos o melhor da humanidade, todas as raças e todas as nacionalidades representadas”⁵⁷.

54 *Ibidem*, p. 72.

55 SILVA, s.d., p. 4.

56 HANKINS, F. H. *The racial basis of civilization: a critique of the nordic doctrine*. Nova York-Londres: Alfred A. Knopf, 1931, p. 7 (tradução nossa).

57 BOAS, 1965, p. 242 (tradução nossa).

Ao verificar essas semelhanças, achei interessante pesquisar o livro de Hankins (1931) utilizado por Paulo Silva. E não foi surpresa nenhuma constatar que em seu livro Hankins citou Franz Boas 14 vezes no corpo do texto. E ainda usou a expressão *Boas school* duas vezes, além de ler e citar também Kroeber, o primeiro aluno de Boas a doutorar-se na Universidade Columbia, ainda em 1901⁵⁸. Essas constatações demonstram que Hankins conhecia e dialogava com Boas, na medida em que, além das semelhanças em seus pensamentos, ele fazia referência recorrentemente ao trabalho desse autor.

Paulo Silva não admitia a doutrina dos tipos raciais, nem o darwinismo social⁵⁹ e combatia, portanto, qualquer tipo de determinismo biológico. Entretanto, um aspecto de seu pensamento em relação à chamada “Música negra” me chamou a atenção: ele considerava correto pensar em uma espécie de evolucionismo cultural, onde a “cultura negra” estaria graus abaixo da cultura europeia em função das condições do ambiente – social, cultural etc. – em que cada um vive, mas não em função de nenhuma inferioridade biológica.

58 Idem, 2004, p. 13.

59 Darwinismo social é um nome dado a várias teorias raciais criadas na segunda metade do século XIX na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, e trata-se de uma tentativa de se aplicar o darwinismo nas sociedades humanas. Descreve o uso dos conceitos de luta pela existência e sobrevivência dos mais aptos, para justificar políticas sociais e raciais e contribuiu para a consolidação de ideias como a eugenia, o racismo, o imperialismo, o fascismo, o nazismo etc., inclusive no Brasil. Ver: DARWINISMO SOCIAL. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Darwinismo_social. Acesso em: 13 jan. 2020.

Isso fica claro em seu texto intitulado *Música Negra*, onde ele afirma que “os negros constituem o grupo humano da cultura mais rudimentar”⁶⁰. E acrescenta: “[...] sou negro e não gosto da dita música negra. Acho-a pesada, grosseira e por demais primitiva. Ao passo que muitos brancos afirmam morrerem de amores por ela”⁶¹. Mas para evitar qualquer tipo de determinismo biológico ele ressalta:

O que nego é que as características diferenciais sejam provenientes da cor da epiderme ou da raça. Elas são encontradas na complexidade dos vários graus de cultura e nas condições mesológicas.⁶²

Possivelmente Paulo Silva tenha sido influenciado por vários fatores para chegar a essas conclusões sobre a “cultura negra”. Um deles provavelmente diz respeito à sua vida pessoal, ao fato de ser “[...] um dos maiores contrapontistas da América do Sul”, como dizia uma reportagem do *Jornal do Brasil* de 16/01/1955, e de ter passado grande parte de sua vida dedicando-se à “música erudita” de matriz europeia e formando outros músicos, também “eruditos”. Outro detalhe a ser considerado é o fato de Paulo Silva, nesse caso, ter escrito e publicado seu referido texto na *Revista do Conservatório Brasileiro de Música*, órgão

60 SILVA, P. Música negra. *Revista do Conservatório Brasileiro de Música*, v. 1, n. 1, out. 1955, p. 43.

61 *Ibidem*, p. 42.

62 *Ibidem*, p. 43.

criado para a divulgação da música erudita, e no qual escreviam somente especialistas nessa área. Não quero aqui reproduzir simplesmente a mesma visão de Kenan Malik (1996) em relação a Boas,⁶³ e afirmar que Paulo Silva estava errado ao pensar desta ou daquela forma, ainda mais por ser um homem negro.

Entendo que Paulo Silva era um homem do seu tempo, sujeito às influências, às características e limitações de sua época. Entendo ainda, diante das evidências encontradas na pesquisa, que Paulo Silva lutava e muito contra o racismo, usando as estratégias que considerava mais convenientes. O mesmo texto, publicado em 1955, no qual fala e critica a própria ideia de uma “música negra”, que ele achava “pesada e grosseira”, pode ser lido também como um texto antirracista: tanto por reconhecer o “virtuosismo” de músicos negros e a “extrema complexidade rítmica”, da chamada “música negra” – como já vimos também no capítulo anterior, quando ele falava com Donga sobre a música de Pixinguinha –; quanto por, de maneira muito direta e objetiva, colocar em xeque a própria ideia de raça e “as fantasias do conde de Gobineau, Valter Pitkin, Gustave Le Bon e outros racistas”⁶⁴.

63 Quando Malik afirma que Boas somente trocou *Raça* por *Cultura*, e a desigualdade permaneceu a mesma. Ver: MALIK, K. *The meaning of race*. Londres: Macmillan, 1996. Compreendo a importância dos trabalhos de Boas e a sua contribuição para a construção das visões atuais sobre as relações raciais; bem como, são conhecidas as limitações impostas a ele (como por exemplo, a ausência dos avanços obtidos atualmente no campo da genética, para desconstruir o conceito de raça biológica) e das dificuldades existentes em sua época.

64 SILVA, 1955, p. 45.

Havia vozes divergentes naquele tempo também, homens e mulheres que lutavam contra o racismo, inclusive no âmbito da chamada “cultura de matriz europeia”, como no caso do Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias do Nascimento em 1944 com o objetivo primário de ser uma companhia de produção teatral, mas que assumiu outras funções culturais e políticas logo depois que foi criado. Como afirma Michael Hanchard, além de montar peças de autores estrangeiros brancos

como *O Imperador Jones*, de Eugene O’Neill (1945), e *Calígula*, de Albert Camus (1949), o TEN foi a força propulsora do jornal *Quilombo* (1948-1950) e de campanhas de alfabetização [de negros] em pequena escala, além de cursos e ‘iniciação cultural’ entre 1944 e 46.⁶⁵

Para além disso, não posso deixar de reconhecer que Paulo Silva tinha o direito de preferir a chamada “música erudita” em relação ao que ele entendia por “música negra”, sem deixar de ser antirracista em suas ações e pensamentos, como faziam por exemplo os membros do TEN quando encenavam peças teatrais escritas por autores brancos europeus ou estadunidenses. O contexto histórico-social no qual ele estava inserido quando escreveu o seu artigo sobre o que chamou de “música

65 HANCHARD, M. G. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 – 1988)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 129.

negra”, meados da década de 1950, ganha grande importância para qualquer análise que possamos fazer.

O contexto histórico-social em que está inserido o seu artigo intitulado *Música negra* (1955) registra um forte crescimento do hoje chamado “mito da democracia racial” no Brasil, que, segundo Kabengele Munanga (1999) e Antônio Sergio Guimarães (1999), definia a nação brasileira como uma extensão da civilização europeia, embora reconhecesse alguns traços culturais negros e indígenas como positivos. E não é à toa. Estamos falando do pós-Segunda Guerra Mundial, onde a questão racial era um problema, na medida em que os conflitos gerados pelo racismo, utilizado como um dos motores do nazismo alemão, dificultavam em muito a perspectiva de construção de um mundo em paz. O Brasil despontava nesse cenário, segundo setores da própria Organização das Nações Unidas (Onu), como um modelo de harmonia racial para todos os demais países. Inclusive foi encomendado por um órgão da Onu, a Unesco, um estudo sobre as relações raciais no Brasil durante a década de 1950, que provaria como o Brasil poderia servir como modelo, nesse aspecto, como “laboratório de civilização” para o mundo, na medida em que teria conseguido superar o “problema das raças”. O chamado “Projeto Unesco”, realizado em vários estados do país, acabou dando resultados inesperados, que começariam a

colocar em xeque a ideia de que o Brasil seria uma verdadeira democracia racial.⁶⁶ Florestan Fernandes, um dos responsáveis pelo Projeto Unesco em São Paulo, a partir da década de 1950 tornou-se o principal expoente do grupo de intelectuais que primeiro denunciou a existência de desigualdades raciais no Brasil, opondo-se à ideia de que vivíamos em uma democracia racial.⁶⁷

O, a partir de então, chamado “mito da democracia racial”, que ganhou força principalmente após a publicação do livro clássico, *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933, induz à crença de que as relações de raça no Brasil seriam harmoniosas e que a miscigenação seria a contribuição brasileira à civilização do planeta, e ainda tem grande força na sociedade brasileira. Esse mito vem tornando a questão racial, e conseqüentemente o racismo, um tema de difícil penetração nos debates públicos, tanto na academia quanto na sociedade como um todo.

66 A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) patrocinou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil entre os anos de 1951 e 52, pesquisas essas que, em seu conjunto, ficaram conhecidas como “Projeto Unesco”. As pesquisas desenvolvidas, no Nordeste e no Sudeste do Brasil, tinham o objetivo de apresentar ao mundo a experiência brasileira no campo das relações raciais, julgada, na época, como bem-sucedida e “harmoniosa”. Entretanto, como afirmou Oracy Nogueira, um dos responsáveis pelo Projeto Unesco no interior do estado de São Paulo, “a principal tendência que chama a atenção, nos estudos patrocinados pela Unesco, é a de reconhecerem seus autores a existência de preconceito racial no Brasil. Assim, pela primeira vez, o depoimento de cientistas sociais vem, francamente, de encontro e em reforço ao que, com base em sua própria experiência, já proclamavam, de um modo geral, os brasileiros de cor.” Cf. NOGUEIRA, O. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985, p. 77.

67 Fernandes (1965) afirmava que o preconceito de cor seria uma herança do passado, que tenderia a desaparecer com o avanço da ordem competitiva, na medida em que, embora funcionais em uma sociedade escravagista, preconceito racial e discriminação seriam conceitos incompatíveis com a ordem competitiva estabelecida pela sociedade de classes capitalista. Para Fernandes, o racismo desapareceria com o desenvolvimento do capitalismo, ainda que os brancos tentassem manter seus privilégios o quanto possível; cf. FERNANDES, F. *A integração do negro à sociedade de classes*. São Paulo: Editora Nacional, 1965.

É fato que Paulo Silva lutou da sua maneira para combater o racismo, tal como ele o percebia, visto que se preocupava e que certamente sofreu com o racismo. Voltando ao texto *Resposta a um Racista*, no trecho abaixo, Paulo Silva demonstrava conhecimento de alguns discursos de teóricos racistas:

Contemple-se estas asserções. Chamberlain: “Jesus não era judeu, mas germânico”. “A intuição vale mais do que todos os congressos de Antropologia, porque ela ensina o que a ciência não consegue ensinar: A superioridade da raça germânica.” Gobineau, Shlegel e Chamberlain: “A pureza e o vigor do sangue alemão salvaram a civilização.” Wilser: “os alemães de puro sangue não devem misturar-se com os outros germanos para que sejam um povo de senhores”⁶⁸.

O antirracismo na perspectiva de Paulo Silva é evidente em vários trechos de seu texto, como por exemplo, no trecho abaixo, no qual elaborou uma forte resposta aos racistas:

Mais uma ideia da fantasia ou charlatanismo desses fazedores de leis está no dizerem eles que a mestiçagem é a causa da estupidez, da queda do nível cultural e moral e da esterilidade. Mas, Santo Deus, quanta incongruência, quanto mistifório! Notam esterilidade, onde é manifesta a proliferação; vislumbram estupidez, onde resplandece inteligência pronta e esclarecida; taxam de abaixamento cultural e moral onde o amor do saber é

68 SILVA, s.d., p. 4.

diuturnamente alimentado e os atos de altruísmo e de abnegação constituem coisa normal e tão necessária quanto o oxigênio que respiramos! Se mestiçagem de fato trouxesse a esterilidade não teríamos que admitir o desaparecimento da espécie humana? Se ela fosse a causa da estupidez, certamente não estariam a valorizar o mundo da cultura os mestiços Dante, Miguel Ângelo e Shakespeare. O que vale é que, enquanto os racistas fanáticos, no afã de impor suas ideias, deixam à vista a sua ignorância ou má fé, outros, que se respeitam e consideram o saber, trabalham no sentido de colocar as coisas em seus devidos lugares.⁶⁹

O mais importante, para Paulo Silva, é que o negro é tão capaz quanto o branco: “Nas artes, na literatura, no magistério [...] em todos os setores do pensamento, os negros conquistaram lugar saliente, a despeito de todas as grandes dificuldades que tiveram de afrontar”⁷⁰. Se o negro é totalmente capaz de adquirir a cultura – que ele considerava mais avançada –, não há justificativa alguma para a violência que é o racismo. Vale destacar que Paulo Silva não admitia o uso do termo “música negra”, tendo em vista as generalizações que o uso deste termo gera. Em seu artigo *Música negra*, ele leva em consideração que: “A raça negra é integrada por grupos humanos muito distintos, não

69 Ibidem, p. 5. Para conhecer o texto *Resposta a um racista na integra*, v. PEREIRA, A. A. ‘A mesma história de sempre...’: vida e obra de Paulo Silva. 2002. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

70 SILVA, s.d., p. 1.

somente pelo físico como também pelo idioma. E diferentes são, outrossim, os meios de sua expressão sonora”⁷¹. Portanto, segundo Paulo Silva, é necessário contemplarmos a diversidade dentro do universo que é a raça negra, da mesma forma que respeitamos a diversidade no universo que é a raça branca, na medida em que não se fala em música branca mas sim em música alemã, música francesa, música russa etc. Para ele, essa generalização, “música negra”, agride, pois ele identifica o uso deste termo como uma forma “sutil” de naturalizar o racismo, já que, como vimos acima, para ele a “cultura negra” ainda está atrás em uma suposta escala de “qualidade cultural”. Ele justifica:

A falta de meios materiais e a exploração pelo branco fizeram que o negro permanecesse, até hoje, num baixo nível cultural [...] daí o fato de suas atividades se apresentarem, mercê de observação enganosa e alheia a toda feição científica, como tendo origem biológica.⁷²

Um dado interessante é que, já na década de 1950, Paulo Silva levantava questões atuais ainda hoje como, por exemplo, a tentativa, mostrada acima, de contemplar a diversidade no universo que seria a “raça negra”, problematizando com eficiência a homogeneização da população negra, uma questão muito debatida no contexto do ensino de história atualmente. E o próprio

71 *Idem*, 1955, p. 42.

72 *Ibidem*, p. 44.

questionamento sobre a validade científica do conceito de raça:

O só falar de raças já é, do ponto de vista científico, tirada bastante perigosa, tantos e tantos os cruzamentos verificados em toda a humanidade em todos os sentidos e em todos os tempos.⁷³

Escrevendo em um outro contexto, tanto social quanto temporal, o sociólogo negro britânico Paul Gilroy (2001), diferentemente do que pensava o Paulo Silva, acredita sim na existência de uma música negra, de matizes diversos, mas com origem, significado e objetivos comuns que o autorizam a tratar as diversas possibilidades musicais oriundas do que ele classifica de *O Atlântico negro* como música negra. Ele vê nesta “música negra” uma forma de resistência, de afirmação de sua identidade política e cultural, assim como foi durante o período da escravidão e é até hoje nas expressões musicais mais atuais que músicos negros, em todo o mundo, encontram para se reconhecerem como tal:

As músicas do mundo atlântico negro, foram as expressões primárias da distinção cultural que esta população capturava e adaptava a suas novas circunstâncias. Ela utilizava as tradições separadas mais convergentes do mundo atlântico negro, se não para criar a si mesma de novo como conglomerado de comunidades negras,

73 Ibidem, p. 45.

como meio para avaliar o progresso social acusado pela autocriação espontânea sedimentadas pelas intermináveis pressões conjuntas da exploração econômica, do racismo político, do deslocamento e do exílio.⁷⁴

A resistência cultural das populações negras na diáspora diante do racismo, especialmente através de sua música, fazia com que a música negra, para Paul Gilroy, tivesse um papel fundamental na vida da população negra em todo o mundo:

A música, o dom relutante que supostamente compensava os escravos, não só por seu exílio dos legados ambíguos da razão prática, mas também por sua total exclusão da sociedade política moderna, tem sido refinada e desenvolvida de sorte que ela propicia um modo melhorado de comunicação para além do insignificante poder das palavras – faladas ou escritas.⁷⁵

E contrapondo-se a afirmações como as que Paulo Silva fazia na década de 1950, em relação ao que se chamava na sua época de “música negra”, Paul Gilroy afirma o seguinte:

Paradoxalmente, à luz de suas origens nas relações sociais mais modernas ao final do século XVIII, as premissas estéticas etnocêntricas da modernidade consignaram essas criações musicais a uma noção do primitivo que era intrínseca à consolidação do racismo científico.⁷⁶

74 GILROY, P. *O atlântica negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001, p. 173.

75 *Ibidem*, p. 164.

76 *Ibidem*.

Diversos autores, especialmente latino-americanos, como Anibal Quijano e Walter Mignolo, têm demonstrado em sua produção, nas últimas décadas, a importância de compreendermos a face cruel da modernidade europeia, baseada no racismo e no colonialismo, que instituiu nos últimos séculos uma narrativa única e repleta do que Gilroy chama acima de “premissas estéticas etnocêntricas da modernidade”. Essa narrativa da modernidade, na qual toda beleza, inteligência e civilização estaria restrita somente às culturas europeias ocidentais modernas, é muito poderosa e, há muito tempo, tem sido fundamental para que o racismo permaneça sendo um elemento estruturante de nossas desigualdades. Ou seja, a narrativa da modernidade europeia ocidental é embasada no racismo e no colonialismo, estes que, por sua vez, são alimentados e fortalecidos por essa mesma narrativa, num ciclo vicioso e poderoso. Os efeitos dessa narrativa da modernidade, por exemplo, na educação no Brasil, especialmente no período pós-abolição, são evidentes.

Segundo o historiador Jerry Dávila, os dirigentes da educação pública brasileira do início do século XX “não impediram alunos de cor de frequentarem suas escolas”; ao contrário, eles “buscavam aperfeiçoar a raça – criar uma ‘raça brasileira’ saudável, culturalmente europeia, em boa forma física e nacionalis-

ta”⁷⁷. Por considerarem pobres e não-brancos, em sua maioria, como “degenerados” em termos raciais e culturais, ainda segundo Dávila, esses dirigentes da educação pública “definiram as escolas como clínicas em que os males nacionais associados à mistura das raças poderiam ser curados”, e, nesse sentido, “suas crenças forneceram um poderoso motivo para a construção de escolas e moldaram a forma como essas escolas funcionariam”, a partir do trabalho de educadores “dotados da incumbência de forjar um Brasil mais europeu e presos a um senso de modernidade vinculado à brancura”⁷⁸. A partir das pesquisas e dos textos de Dávila e de vários outros historiadores da Educação, podemos entender que o próprio sistema educacional construído no Brasil no pós-abolição foi absolutamente baseado no eurocentrismo.

Paulo Silva, católico fervoroso, que foi aluno desse sistema educacional eurocêntrico construído para tornar possível o embranquecimento cultural, e que se tornaria posteriormente um respeitado maestro e professor de música erudita, vivendo em meio aos mais ricos e complexos aspectos das culturas produzidas na modernidade europeia ocidental, poderia discutir sobre o que se chamava de “música negra” sem problematizar que essa noção de que a música negra seria “grosseira e por demais pri-

77 DÁVILA, J. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil: 1917-1945*. São Paulo: EdUNESP, 2006, p. 21.

78 *Ibidem*, p. 22 e 25.

mitiva”, como ele dizia em seu artigo de 1955, era uma noção “intrínseca à consolidação do racismo científico”, como afirma Gilroy.

Para Gilroy, a música negra pode ser vista como um exemplo marcante de produção de uma contracultura da modernidade europeia, uma demonstração de resistência e de ressignificação que tornou possível a própria construção de uma identidade negra cultural e política positiva na diáspora africana, mais especificamente no que ele chama de *Atlântico negro*, ou seja, o conjunto cultural e político transnacional de elementos e ações produzidos pela diáspora negra desde o final do século XV. Gilroy compreende, portanto, a identidade negra como uma construção política e histórica marcada pelas trocas culturais através do Atlântico. Ele utiliza a ideia de diáspora como fundamental para a sua concepção e, ao justificar a sua utilização, afirma que

o conceito de diáspora pode oferecer alternativas reais para a inflexível disciplina do parentesco primordial e a fraternidade pré-política e automática. A popular imagem de nações, raças ou grupos étnicos naturais, espontaneamente dotados de coleções intercambiáveis de corpos ordenados que expressam e reproduzem culturas absolutamente distintas é firmemente rejeitada. Como uma alternativa à metafísica da “raça”, da nação e de uma cultura territorial fechada, codificada no corpo, a diáspora é um conceito que ativamente perturba a

mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples seqüência dos laços explicativos entre o lugar, posição e consciência é rompida, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode também ser rompido.⁷⁹

Ao posicionar-se contra qualquer tipo de essencialismo racial, para Paul Gilroy, mais importante do que as origens para explicar as construções identitárias, são as experiências vividas e trocadas ao longo dos últimos séculos pelas populações que compõe a diáspora negra. As experiências vividas em função da resistência à escravidão e ao racismo na América, segundo ele, teriam sido fundamentais para a construção da identidade e da cultura negra.

Levando em consideração que a raça é “uma categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo”⁸⁰, não podemos perder de vista a reflexão de Hannah Arendt ao analisar o pensamento racial, quando ela diz que “[t]oda ideologia que se preza é criada, mantida e aperfeiçoada como arma política e não como doutrina teórica [...] Seu aspecto científico é secundário”⁸¹. A narrativa da modernidade europeia ocidental,

79 GILROY, 2001, p. 18.

80 HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003, p. 69.

81 ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 189.

baseada no racismo, que hierarquiza grupos e inferioriza pessoas e culturas negras, seria então um dos exemplos mais fortes do uso político da ideia de raça para justificar o sistema de poder e a subjugação de outros povos. Esse uso foi feito pelos países imperialistas europeus, especialmente a partir de meados do século XIX, como forma de legitimação para suas conquistas. Arendt afirma que

[o] imperialismo teria exigido a invenção do racismo como única ‘explicação’ e justificativa de seus atos, mesmo que nunca houvesse existido uma ideologia racista no mundo civilizado. Mas, como existiu, o racismo recebeu considerável substância teórica.⁸²

Hebe Mattos, refletindo sobre as associações entre a ideia de raça, a escravidão e a cidadania nas Américas, diz também que

não apenas o conceito moderno de raça é uma construção do século XIX, *mas a racialização da justificativa da escravidão americana também*. [...] A moderna noção de raça é assim, uma construção social, estreitamente ligada, no continente americano, às contradições entre os direitos civis e políticos inerentes à cidadania, estabelecida pelos novos estados liberais e o longo processo de abolição do cativo.⁸³

82 *Ibidem*, p. 214.

83 MATTOS, H. M. *Marcas da escravidão: biografia, racialização e memória do cativo no Brasil*. 2004. Tese (Titular em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

Levando em consideração a discussão acima, é interessante perceber como a ideia de raça foi utilizada politicamente de diferentes maneiras na construção do Estado-Nação brasileiro: de um lado pelos poderosos que buscavam construir uma nação moderna e embranquecida, inclusive culturalmente, como as nações europeias, já que acreditavam na superioridade racial dos brancos; e de outro, posteriormente, pelos que passaram a utilizar a ideia de raça de outra maneira, completamente ressignificada, como um instrumento de luta por direitos, para afirmação de valores étnicos e para possibilitar coletivamente a construção de identidades políticas e culturais positivas, como é o caso do movimento negro brasileiro ao longo do século XX.

Embora Paulo Silva não se identificasse como um militante do movimento negro, não utilizasse a ideia de raça como instrumento de luta política e cultural e nem se pronunciasse publicamente condenando ou denunciando o racismo que ele mesmo sofreu pessoalmente; mesmo que ele incorporasse aspectos da narrativa da modernidade europeia que inferiorizava as “culturas negras”; ao analisar sua produção escrita e ao observar sua conduta através de relatos de amigos e das reportagens dos jornais pesquisados, fica evidente o fato de que ele agia e

pensava a partir de uma perspectiva antirracista. Sempre que podia, e muitas vezes usando ações e não palavras, estabelecia ao menos um “contraponto” ao racismo. O que, como vimos acima, muitas vezes funcionou em sua trajetória. Sua luta, usando as estratégias e as formas que entendia serem as melhores, fazendo “contraponto” com “fuga” ou sem “fuga”, foi sempre uma luta para enfrentar o racismo biológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PAULO SILVA, RELAÇÕES RACIAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA

A roda dos não ausentes

O nada e o não,
ausência alguma,
borda em mim o empecilho.
Há tempos treino
o equilíbrio sobre
esse alquebrado corpo,
e, se inteira fui,
cada pedaço que guardo em mim
tem na memória o anelar
de outros pedaços.
E da história que me resta
estilhaçados sons esculpem
partes de uma música inteira.
Traço então a nossa roda gira-gira
em que os de ontem, os de hoje,
e os de amanhã se reconhecem
nos pedaços uns dos outros.
Inteiros.⁸⁴

Resgatar a trajetória de Paulo Silva e de outros personagens negros e negros, construir memória sobre essa e tantas outras pessoas negras, nascidas no tempo do cativo ou no pós-abolição, e que foram importantes para a formação da cultura e da sociedade brasileiras, é um trabalho fundamental nos dias de hoje. Precisamos trazer para o nosso tempo as histórias de personagens como Paulo Silva, que mesmo quase esquecido, faz parte da história do Brasil e ainda hoje está presente no cotidiano de muitas pessoas, seja das que passam, trabalham ou habitam nas ruas que têm seu nome, seja das que estudam ou vivem no entorno da escola pública da qual ele é patrono.

Como diz Conceição Evaristo, na importante e bela poesia que abre esta parte final do livro, a partir de uma perspectiva antirracista, especialmente no trabalho com a educação e com personagens históricas negras e negros, precisamos chegar no tempo de traçar *“a nossa roda gira-gira em que os de ontem, os de hoje, e os de amanhã se reconhecem nos pedaços uns dos outros. Inteiros.”* Paulo Silva, Juliano Moreira, Maria de Lourdes Vale Nascimento, Monteiro Lopes, Dudu das Neves, João Candido Felisberto, Maria Helena Vargas da Silveira e Luciana Lealdina de Araújo, e tantas outras personagens negras e negros do pós-abolição, não estão “ausentes”, também são como pedaços que devem contribuir para que possamos ser “inteiros”, numa sociedade tão desigual como a brasileira.

O historiador francês Jacques Le Goff afirma que

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.⁸⁵

Sendo assim, a memória produzida e apresentada em livros e nas escolas, fundamental para a construção identitária, precisa ser democrática numa sociedade tão desigual e ainda tão informada pelo eurocentrismo que é fortalecido pelo racismo. A invisibilidade da população negra, de muitos *Silvas*, na sociedade brasileira, é alimentada nas escolas através dos conteúdos e práticas sociais presentes nos currículos escolares ainda evidentemente eurocêntricos. Se levarmos em consideração que a escola é um dos espaços ideais de produção de memória e de construção de identidades, a invisibilidade da população negra no processo de ensino-aprendizagem torna ainda maior a invisibilidade dessa população na sociedade como um todo. Não poderia ser diferente essa realidade se estudássemos e conhecêssemos as muitas personagens históricas negras e negros que contribuíram e contribuem para a formação de nossa sociedade, como o Paulo Silva?

Os impactos de preconceitos e discriminações contra negros na formação de nossas crianças e jovens, e de nossa

85 LE GOFF, J. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi, v. I: Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 46.

sociedade como um todo, são muitos. Como diz o ditado popular, “é preciso conhecer para respeitar”. Nesse sentido, a questão das memórias construídas nas escolas ganha ainda mais relevância, tendo em vista que em geral os grupos discriminados não têm, ou raramente têm, suas memórias e histórias trabalhadas nos espaços escolares. Vale ressaltar que, além do já citado Jacques Le Goff, outro francês, Michael Pollak, seguindo na discussão sobre memória e identidade, afirma o seguinte:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.⁸⁶

Embora desde os anos 1980 exista uma grande produção historiográfica sobre o período da escravidão no Brasil, ainda se estuda muito pouco nas escolas brasileiras sobre a “agência” da população negra durante aquele período, e menos ainda sobre a participação da população negra na formação de nossa sociedade a partir do pós-abolição. Personagens históricos como Luiz Gama⁸⁷

86 POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992, p. 204.

87 Luiz Gama (1830-1882) nasceu em Salvador, Bahia, e é considerado por muitos historiadores como um dos maiores abolicionistas brasileiros. Embora tenha nascido livre, por ser filho de uma escrava forra, foi vendido como escravo pelo pai aos 10 anos de idade. Na juventude aprendeu a ler e tomou ciência de sua condição de homem livre. Autodidata, tornou-se rábula, um advogado sem formação universitária, e atuou nos tribunais em São Paulo, onde conseguiu libertar mais de 500 pessoas escravizadas. Foi também jornalista e fundador do Partido Republicano Paulista. Ver: SANTOS, L. C. *Luiz Gama*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ou Maria Firmino dos Reis,⁸⁸ ou mesmo organizações como a Frente Negra Brasileira (FNB) ou o Movimento Negro Unificado (MNU),⁸⁹ somente para citar alguns poucos exemplos, ainda são pouco conhecidos por professores e alunos de História. Esse problema é tão grave que, mesmo quando se consegue avançar em algum aspecto, como, por exemplo, dar a uma escola pública o nome de algum importante personagem negro, ainda pode acontecer como no caso do nosso Professor Paulo Silva, que não era conhecido nem mesmo na escola que tem seu nome. O fato é que memórias e histórias sobre as lutas e sobre a participação da população negra na formação de nossa sociedade estiveram ausentes dos espaços escolares historicamente. O que significa um problema para a construção da própria democracia no Brasil, no que diz respeito à formação educacional dos seus cidadãos.

A pluralidade étnico-racial, refletida em memórias e histórias diversas que estejam presentes nos currículos e nas práticas educativas, é importante para todos os brasileiros, tanto negros quanto brancos, amarelos ou indígenas. As rela-

88 Maria Firmina dos Reis (1825-1917) nasceu em São Luís do Maranhão. Autodidata, foi professora, musicista, compôs o *Hino à libertação dos escravos*, colaborou em vários jornais com poesias e em 1859 publicou o livro *Úrsula*, que pode ser considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro e um dos primeiros de autoria feminina no Brasil. Em 1880 Maria Firmina dos Reis fundou a primeira escola mista do Maranhão. Ver: MENDES, A. M. *Amélia Beviláqua e Maria Firmina dos Reis na história da literatura: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

89 Sobre essas e outras organizações do movimento negro criadas no século XX, ver: PEREIRA, A. A. *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013.

ções são sempre dialógicas. Ao mesmo tempo em que a ausência de memórias e histórias de determinado grupo nas escolas dificulta as construções identitárias positivas pelos indivíduos deste grupo, a presença hegemônica de memórias e histórias de um grupo específico pode suscitar a construção de identidades que alimentem um sentimento de superioridade em relação aos outros grupos sub-representados nos currículos. E ambos os casos, tanto sentimentos de inferioridade quanto de superioridade atrapalham ou mesmo inviabilizam a construção de uma perspectiva democrática ao longo do processo formativo.

O racismo é um elemento estruturante de nossas desigualdades e, como vimos na trajetória de Paulo Silva, age diretamente sobre a distribuição de oportunidades e gera imensas dificuldades na busca de melhorias para as condições de vida da população negra, para a inclusão dessa população no mercado de trabalho, nas universidades etc. A trajetória de Paulo Silva, marcada por dificuldades comuns à grande maioria da população negra e pobre no Brasil e em quase todo o mundo, mostra-se como um exemplo de superação, independente das opções feitas nesse caminho de dificuldades, mas também de lutas e vitórias. Tentei aqui, neste livro, apresentar outros aspectos das desigualdades raciais no Brasil, que não são simplesmente os sócio-econômicos, mais recorrentemente citados em outros

livros. A importância da construção identitária dos indivíduos, sua relação com as memórias e com os currículos trabalhados nas escolas, formam aspectos destacados aqui através da reflexão sobre a ausência de histórias como a do Professor Paulo Silva, até mesmo na escola pública da qual ele é o patrono. Essa reflexão vale também no caso da ausência de histórias da África e das lutas dos negros brasileiros nos currículos escolares, o que contribui para a reprodução de preconceitos e discriminações nas escolas. E assim, essa ausência contribui também para a reprodução das desigualdades em nossa sociedade.

A necessidade de se problematizar os currículos ditos “tradicionais” e de se realizar reformas educacionais foram apresentadas pelos diferentes movimentos sociais brasileiros mesmo antes do período da redemocratização na década de 1980, como lembra Circe Bittencourt ao afirmar que “os movimentos sociais organizados por vários setores haviam sido fundamentais para o fim da fase ditatorial, e suas reivindicações estavam na pauta das reformas educacionais”⁹⁰. Como exemplo dessas reivindicações, é possível citar a “Carta de Princípios” escrita em 1978 pelas lideranças do então recém-criado Movimento Negro Unificado (MNU), que já reivindicava, entre outras coisas, a “reavaliação do

90 BITTENCOURT, C. Identidades e ensino de história no Brasil. In: CARRETERO, M. (org.) *Ensino de história e memória coletiva*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 46.

papel do negro na história do Brasil e a valorização da cultura negra”. Em meio ao processo de construção da democracia em nosso país na década de 1980, o próprio texto Constitucional já refletia algumas das reivindicações de diferentes grupos sociais que até então não eram contemplados na construção dos currículos escolares, como se pode observar no parágrafo 1º do Art. 242 da Constituição de 1988, que já determinava o seguinte: “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro.” Segundo Martha Abreu e Hebe Mattos,

Desde o final da década de 1990, as noções de cultura e diversidade cultural, assim como de identidades e relações étnico-raciais, começaram a se fazer presentes nas normatizações estabelecidas pelo MEC com o objetivo de regular o exercício do ensino fundamental e médio, especialmente na área de história. Isso não aconteceu por acaso. É na verdade um dos sinais mais significativos de um novo lugar político e social conquistado pelos chamados movimentos negros e anti-racistas no processo político brasileiro, e no campo educacional em especial.⁹¹

Como um dos resultados desse novo lugar político e social e das várias reivindicações dos movimentos negros ao longo

91 ABREU, M.; MATTOS, H. Em torno das 'diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana': uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, jan./jun. 2008, p. 6.

das últimas décadas, podemos identificar a Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003 pelo recém-empossado presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, e que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras em todas as escolas do país. O parecer e a resolução que instituíram as “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana” foram aprovados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em março de 2004 e homologados pelo Ministério da Educação (MEC) em junho do mesmo ano, o que fortaleceu as lutas travadas para se problematizar a construção dos currículos escolares e para a própria criação de novos saberes escolares relacionados à temática “história e cultura afro-brasileira e africana”.⁹²

Acredito que a implementação da Lei nº 10.639/03, ao colocar em xeque o forte caráter eurocêntrico tão presente na construção histórica da disciplina História em nosso país, e ao acelerar a complexificação dos currículos e a inserção de histórias e culturas diferentes nos cotidianos escolares, tem o potencial para promover a construção de uma prática docente que questione preconceitos e que seja pautada pelos princípios da

92 A Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 tornou ainda mais complexa a discussão sobre os currículos de História no Brasil ao alterar a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

pluralidade cultural e do respeito às diferenças. Mas, para tanto, se faz necessária a efetiva incorporação no cotidiano escolar de novos conteúdos e procedimentos didáticos pelas escolas e por seus professores. É fundamental conhecer as histórias e memórias das populações negras e indígenas, bem como suas manifestações culturais e produções intelectuais, seus personagens históricos, tanto os de grande destaque social, como é o caso do Paulo Silva, quanto os tantos outros *Silvas* que viveram, lutaram, produziram culturas e contribuíram para a formação de nossa sociedade. Não somente, mas especialmente quando descendentes dessas populações compõem a comunidade escolar, para que possamos reeducar as relações étnico-raciais em nosso país.

Promover a igualdade valorizando e respeitando as diferenças. Não é possível consolidar uma perspectiva democrática nas escolas sem promovermos de fato transformações nos currículos e sem realizarmos muitos e muitos debates sobre essas questões. Já que, ao fim e ao cabo, democracia pressupõe representação e participação de todos também no que diz respeito aos currículos trabalhados ao longo do ano nas escolas brasileiras. Que tenhamos muitos mais “pedaços”, personagens negros como Paulo Silva, na história do Brasil trabalhada nas escolas e na sociedade, para que, como Conceição Evaristo, possamos dizer:

“E da história que me resta
estilhaçados sons esculpem
partes de uma música inteira.
Traço então a nossa roda gira-gira
em que os de ontem, os de hoje,
e os de amanhã se reconhecem
nos pedaços uns dos outros.
Inteiros.”⁹³

REFERÊNCIAS

ABREU, M.; MATTOS, H. Em torno das 'diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana': uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, jan./jun. 2008.

ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA. *Paulo Silva*. Disponível em: <http://www.abmusica.org.br/academico/%E2%80%8Bpaulo-silva/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

ARAÚJO, R. B. *Guerra e paz: casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BANTON, M. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BITTENCOURT, C. Identidades e ensino de história no Brasil. In: CARRETERO, M. (org.) *Ensino de história e memória coletiva*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOAS, F. *The mind of primitive man*. Nova York: The Free Press, 1965.

_____. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, P. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRAQUICÉFALO. In: FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CABRAL, S. *Pixinguinha: vida e obra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2007.

DARWINISMO SOCIAL. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Darwinismo_social. Acesso em: 13 jan. 2020.

DÁVILA, J. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil: 1917-1945*. São Paulo: EdUNESP, 2006.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Porto: Paisagem, 1975.

FERNANDES, F. *A integração do negro à sociedade de classes*. São Paulo: Editora Nacional, 1965.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

FUGA. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuga>. Acesso em: 09 jan. 2020.

IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. *Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica*, Rio de Janeiro, n. 41, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/>

populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=-sobre. Acesso em: 09 jan. 2020.

GILROY, P. *O atlântica negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUERREIRO RAMOS, A. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial Andes, 1957.

GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

HANCHARD, M. G. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 – 1988)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HANKINS, F. H. *The racial basis of civilization: a critique of the nordic doctrine*. Nova York-Londres: Alfred A. Knopf, 1931.

HASENBALG, C.; SILVA, N. V. *Estrutura social, mobilidade e raça*. São Paulo: Vértice, 1988.

LE GOFF, J. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi, v. I: Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LIMA, M. Desigualdades raciais no Brasil e suas múltiplas dimensões. 01 mai. 2016. *Portal Geledés*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/desigualdades-raciais-no-brasil-e-suas-multiplas-dimensoes/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

MALIK, K. *The meaning of race*. Londres: Macmillan, 1996.

MATTOS, H. M. *Marcas da escravidão: biografia, racialização e memória do cativo na História do Brasil*. 2004. Tese (Título em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

MENDES, A. M. *Amélia Beviláqua e Maria Firmina dos Reis na história da literatura: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MIGNOLO, W. D.; PINTO, J. R. S. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. *Civitas*, v. 15, n. 3, jul./set. 2015.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, O. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. Construção e inauguração. Disponível em: <http://www.passeiopublico.com/construcao.asp>. Acesso em: 09 jan. 2020.

PAULO SILVA. In: Enciclopédia Brasileira de Música. São Paulo: Art Editora, 1998.

PEREIRA, A. A. *'A mesma história de sempre...': vida e obra de Paulo Silva*. 2002. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. *'O mundo negro': relações raciais e a constituição do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Pallas, 2013.

_____. *Paulo Silva e as relações raciais no Brasil: uma experiência sobre as identidades construídas no espaço escolar*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

POLIAKOV, L. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e américa latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, set. 2005, p. 227-278.

RODRIGUES, N. R. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

SAMPAIO, J. L. Eleazar de Carvalho, inédito. 17 jun. 2012. *Estadão*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/joao-luiz-sampaio/eleazar-de-carvalho-inedito/>. Acesso em: 07 dez. 2019.

SAMPAIO, L. A. *Vaidade e ressentimento dos músicos populares e o universo musical do Rio de Janeiro no início do século XX*. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, A. P. *A arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do Professor Hemetério José dos Santos (1870 – 1930)*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, J. R. Culturas negras, civilização brasileira. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 25, 1997.

SANTOS, L. C. *Luiz Gama*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, L. S. *'Etymologias Preto': Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, M.; FONSECA, S. G. *Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papirus, 2007.

SILVA, P. Música negra. *Revista do Conservatório Brasileiro de Música*, v. I, n. 1, out. 1955.

_____. *Resposta a um racista*. S.d. Mimeografado.

VAINER, C. B. *Estado e raça no Brasil: notas exploratórias*. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 18, p. 103-118, mai. 1990.

FONTES

DOCUMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DE PAULO SILVA

CAMPOS, J. A. *Discurso de posse da prof. acadêmica Joaquina de Araujo Campos, na cadeira n° 24, Patrono Prof. Dr. Paulo Silva*. Paracambi: Academia de Letras e Artes de Paracambi, 1974.

LAMAS, D. [*Texto biográfico*]. [S.l.], 1967. (Dulce Lamas: Presidente da Sociedade de Amigos do Professor Paulo Silva; texto encontrado na seção de música da Biblioteca Nacional.)

SCHUBERT, G. *Discurso de posse do acadêmico Monsenhor Guilherme Schubert, fazendo o elogio do patrono da Cadeira n°37, Maestro José Paulo da Silva*. Rio de Janeiro: Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, 1983.

SILVA, P. [*Correspondência*]. [S.l.], 1949. Carta autobiográfica encontrada no arquivo da Biblioteca da Escola de Música da UFRJ.

VILLA-LOBOS, H. [*Correspondência*]. Destinatário: Paulo Silva. [S.l.], s.d.

JORNAIS CONSULTADOS

A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 1910.

A RUA. Rio de Janeiro, 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1935, 1958 e 1967.

DIARIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 1934.

DIÁRIO DO PARANÁ. Paraná, 1958.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 1934.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1953, 1955 e 1967.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1967 e 1969.

O DIA. Paraná, 1958.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 1934 e 1967.

CRONOLOGIA DE PAULO SILVA

1892 - Nasceu José Paulo da Silva, em Santa Rosa, município de Pirai, RJ.

1899 - Tornou-se aluno interno da Escola 15 de Novembro.

1904 - Foi promovido a “mestre-aluno” na Escola 15 de Novembro.

1905 - Tornou-se aluno do curso de Trombone do Instituto Nacional de Música (INM).

1909 - Tornou-se professor interino e depois professor efetivo de música na Escola 15 de Novembro.

1914 - Casou-se com Elisa Bastos da Silva, com quem teve 6 filhos.

1921 - Por concurso público, foi nomeado livre docente de Harmonia no Instituto Nacional de Música.

1925 - Após sofrer um caso de discriminação racial, afasta-se do INM, e inicia seus estudos no Colégio Pedro II.

1928 - Ingressou como aluno na Escola de Medicina da Universidade do Brasil, atual UFRJ.

1929 - Transferiu-se para o curso de Direito da Universidade do Brasil.

1931 - Retornou ao INM como professor contratado.

1932 – Formou-se como Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Publicou o livro *Manual de Harmonia*.

1933 – Publicou o livro *Curso de Contraponto*.

1935 – Após a aprovação em concurso público, tornou-se professor Catedrático da cadeira de Contraponto e Fuga do INM. Publicou o livro *Manual de Fuga*, que posteriormente foi traduzido para a língua francesa.

1937 – Passou uma temporada acompanhando as aulas de Contraponto e Fuga no Conservatório Nacional de Música de Paris, na França.

1945 – Foi eleito membro da Academia Brasileira de Música.

1953 – Foi organizado pelo maestro Villa-Lobos o “Festival Paulo Silva” no prédio do Ministério de Educação e Cultura.

1954 – Publicou o livro *Linguagem da Música*.

1967 – Faleceu na cidade do Rio de Janeiro.

1969 – Foi inaugurado o busto de Paulo Silva no Passeio Público, em frente à Escola de Música da UFRJ.

1986 – Entrou em funcionamento, no bairro de Inhoaíba, na cidade do Rio de Janeiro, a Escola Municipal Professor Paulo Silva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paulo Silva em foto assinada e entregue à Dulce Lamas, ex-aluna.

Figura 2 – Matéria publicada em *O Jornal*, no dia 22 de novembro de 1934.

Figura 3 – Imagem publicada no *Jornal das Moças*, também em 22 de novembro de 1934.

Figura 4 – Paulo Silva em foto assinada e enviada à Academia Brasileira de Música, em 1949.

Figura 5 – Paulo Silva com algumas alunas no saguão da atual Escola de Música da UFRJ.

Figura 6 – Matéria publicada no jornal *Diário do Paraná*, em 7 de outubro de 1958.

Figura 7 – Matéria de capa do jornal *O Dia*, publicada no Paraná em 12 de outubro de 1958.

Figura 8 – Autoridades presentes na solenidade de inauguração do busto de Paulo Silva no Passeio Público, no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1969.

Figura 9 – Amigos e familiares presentes na solenidade de inauguração do busto de Paulo Silva no Passeio Público, no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1969.

